



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Licenciatura em Pedagogia

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

MARCELA FÉLIX DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO
2017

MARCELA FÉLIX DE OLIVEIRA

A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: EDUCAÇÃO E
TRANSFORMAÇÃO

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Irene Giambiagi

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito essencial para obtenção de grau na Licenciatura Plena em Pedagogia.

RIO DE JANEIRO
2017



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Licenciatura em Pedagogia

Título: A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Irene Giambiagi – FE/UFRJ

Parecerista: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Cunha Fernandes – FE/UFRJ

Parecerista: Prof. M.e Vinicius Monção – FE/UFRJ

Dedico esta monografia à família, sustentáculo de todos os momentos, porque não há conquistas minhas que não sejam também, dessas pessoas com as quais tenho o privilégio de compartilhar a existência: meus pais, minha irmã e meu esposo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois com a força da Fé e da Coragem, superei meus limites e acreditei no meu potencial.

Agradeço à orientadora Irene, pelo seu profissionalismo, amor à profissão, que sempre me tratou com muito carinho e respeito.

Agradeço aos meus familiares: meu pai Manoel (em memória) foi a primeira pessoa que soube que havia passado no vestibular; minha mãe Glorinha e minha irmã Adriana, que sempre me apoiaram com palavras e gestos de carinho.

Agradeço ao meu esposo Carlos, sempre ao meu lado desde o início da graduação, com incentivos, paciência e muito amor.

Agradeço às amigas Déborah e Angélica Helena, por todo o companheirismo em toda trajetória acadêmica.

Agradeço às amigas Nina Rosa e Vanessa, pelas trocas de ideias sobre a minha monografia, pela paciência por me ouvir e aconselhar.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. (Paulo Freire)

MARCELA FÉLIX DE OLIVEIRA. **A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA: EDUCAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO**. Brasil. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

O principal objetivo da presente monografia consistiu em desenvolver um trabalho teórico-reflexivo com o intuito de discutir a função social da escola na sociedade contemporânea, perpassando pelos conceitos de identidade e de infância, com destaque para a importância das brincadeiras no contexto escolar. Analisa-se a formação escolar da autora quando aluna e como professora em formação. A educação popular é discutida por meio da atuação dos movimentos sociais e das características da relação do educador com seus alunos. No capítulo final utilizou-se a metodologia qualitativa, com a realização de entrevistas com profissionais de diversas áreas de atuação, alunos e idosos, na expectativa de colher opiniões sobre o tema e perceber o impacto da escola em suas vidas profissionais ou pessoais. Freire, Nóvoa, Hall e Bauman foram os principais referenciais teóricos utilizados.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Infância, Docência, Educação Popular e Função Social da Escola.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
CAPÍTULO I - FORMAÇÃO DA IDENTIDADE	
1.1 Definindo o que é identidade na sociedade contemporânea.....	13
1.2 Infância e identidade.....	22
1.3 Brincadeiras e identidade.....	30
CAPÍTULO II – FORMAÇÃO DOCENTE	
2.1 Ser aluno (a) e ser professor (a) em formação.....	36
2.2 O professor de profissão.....	39
CAPÍTULO III – FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA	
3.1 Educação Popular e o mundo contemporâneo.....	45
3.2 O Educador e a Educação Popular.....	48
CAPÍTULO IV	
4.1 Reflexões sobre a função social da escola na sociedade contemporânea.....	51
Considerações Finais.....	59
Referências	62

INTRODUÇÃO

Atualmente, na sociedade contemporânea, deparamo-nos com muitos discursos referentes a direitos humanos, exercício da cidadania, respeito e amor ao próximo, auxílio aos indivíduos que precisam de alimentação, moradia e luta pela igualdade de direitos a todos.

Na minha trajetória acadêmica, ouvi alguns discursos, com o intuito de ser formada como boa profissional, com uma visão crítica do sistema educacional, e de buscar proporcionar aos alunos uma leitura de mundo que possa estimulá-los a serem sujeitos críticos e transformadores de sua própria realidade.

Nota-se que a instituição escolar, em tempos atuais, não é apenas o espaço para a socialização da diversidade cultural, a aquisição de conhecimentos científicos e de formação para a cidadania. As atribuições do professor com seu alunado ganham mais responsabilidades. A prática docente se confunde com os cuidados da *educação de base*, denominada de *educação familiar*, pois, em alguns momentos, é necessário o professor reprimir, conversar, impor limites. Na minha experiência como estagiária em uma escola pública no Rio de Janeiro, constatei que se perde tempo durante as aulas, ao pedir, por exemplo, aos alunos que fiquem quietos; que falem educadamente, sem usar expressões pejorativas; e que tratem todos com respeito.

Vivemos em uma sociedade desigual, que a cada dia apresenta mudanças comportamentais, tecnológicas, em que o mercado de trabalho tornou-se um espaço mais competitivo, transformando os indivíduos em consumidores bem atuantes. Na educação não é diferente, os sujeitos formam-se em níveis elevados de educação (como a educação de ensino superior) e para determinadas ofertas de emprego é preciso se especializar ainda mais para concorrer às melhores vagas expostas no âmbito profissional. Muitas pessoas, infelizmente, não conseguem ingressar nos cursos superiores. Alguns indivíduos limitam-se aos cursos profissionalizantes e são submetidos a trabalhos exaustivos, com uma jornada de trabalho fora dos padrões estabelecidos por lei. Os profissionais de educação, em sua maioria, trabalham em mais de uma escola para ter uma vida razoável, o que pode acarretar-lhes problemas de saúde e, como consequência, pode ocorrer uma desmotivação crescente pelo trabalho docente. Esse perfil de profissional pode ser encontrado em grande número nas instituições públicas de ensino.

É possível encontrar nas escolas públicas professores com uma vasta carreira no magistério e outros ainda nela ingressando; entretanto, muitas vezes, observam-se práticas docentes semelhantes para situações pedagógicas variadas, reproduzindo o que se espera no

sistema de ensino e não se importando com o bem-estar e o aprendizado dos alunos chegando até trata-los sem nenhuma afetividade e sem uma preocupação genuína com aqueles indivíduos. Cabe lembrar, ainda, o *desprivilégio* das escolas cujos alunos são oriundos de classes socioeconômicas menos favorecidas.

Com relação à hierarquização no interior das escolas públicas, Costa afirma que

a busca de um sistema escolar que contemple a distribuição de oportunidades perseguindo padrões de equidade sem descuidar da qualidade deve considerar esses importantes desníveis, em boa parte construídos pela oferta insuficiente e irregular de escolas públicas que atendam a patamares razoáveis de qualidade (COSTA, 2008, p. 468-469).

É comum espaços escolares instalados dentro e em torno de comunidades carentes conviverem cotidianamente com graves problemas sociais, com alunos oriundos de uma realidade diária dura, familiarizados com a violência social e doméstica, e com o desafeto. Essa triste realidade das crianças instigou-me a procurar respostas para as seguintes indagações: por que alguns professores agem de forma tão discriminatória com os alunos? O que tais profissionais da educação pensam sobre o futuro dessas crianças?

É importante ressaltar que as crianças passam mais de quatro horas na escola, com vontade de ir embora desde que chegam. Por que os alunos não veem interesse nesse espaço tão rico para se cultivar amizades, adquirir conhecimentos escolares, interagir com diversas culturas? Como explicar a conduta de professores que não acreditam e não investem no potencial das crianças? Como a prática docente que inferioriza os alunos pode interferir na construção da identidade, na valorização da autoestima e no processo de aprendizagem dos indivíduos que estão em fase de desenvolvimento físico e mental? A busca por essas respostas tem trilhado minha experiência docente.

O tema escolhido para desenvolver o presente trabalho iniciou-se a partir da experiência do estágio acadêmico obrigatório realizado em uma escola pública do ensino fundamental regular na região central da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2015. A classe era composta por cerca de 30 alunos na faixa etária de 6 a 8 anos.

Estive durante quatro meses observando o funcionamento da escola, e o desenvolvimento de alunos que nela estudavam. Na turma que acompanhei, entendi que, em alguns momentos, o professor tinha a liberdade de trabalhar conteúdos diversificados. Mas ele não fazia questão de ter um bom relacionamento com as crianças, limitava-se a repassar a elas

fielmente as atividades extraídas das cartilhas produzidas pela Secretaria Municipal de Educação.

Ele às vezes era agressivo, puxando as crianças pelo braço e colocando-as de castigo ou para sentar em seus lugares. Ao longo do tempo em que estive presente na sala de aula, o educador não desenvolvia atividades voltadas para as experiências dos alunos, cidadania e o lúdico.

O objetivo do trabalho é formalizar uma reflexão e uma discussão sobre a função social da escola, articuladas com os conceitos de identidade, aprendizagem, docência e educação popular na escola da sociedade contemporânea. Considero os temas de extrema importância para se (re) pensar as práticas educativas, a sociedade e os sujeitos que nela vivem.

A monografia foi organizada em quatro capítulos. No primeiro, são abordadas questões pertinentes ao conceito de identidade, infância e reflexões sobre brincadeiras, onde apresento algumas situações do cotidiano escolar com crianças da educação infantil que se remetem ao aprendizado e à construção de identidades.

O foco do segundo capítulo é a exposição de reflexões sobre as minhas experiências como aluna e professora em formação, dialogando sobre a docência no mundo atual.

No terceiro capítulo, procurei desenvolver um raciocínio sobre a educação popular, por meio dos movimentos sociais na sociedade contemporânea e a relação do educador com os alunos que a compõem e que contribuí no processo de construção de identidade.

O quarto capítulo discuto a função social da escola e reproduzo depoimentos coletados por meio de entrevistas realizadas com um pequeno grupo de pessoas com características variadas.

A entrevista foi feita com nove moradores da zona norte da cidade do Rio de Janeiro, sendo dois estudantes respectivamente com idades de 9 e 13 anos, de escola pública do 1º e 2º segmento do ensino fundamental (escola situada na região central da cidade do Rio de Janeiro), quatro indivíduos, com formação acadêmica a nível superior com idades entre 25 a 45 anos, uma idosa de 70 anos, com formação acadêmica no ensino fundamental incompleto e duas pessoas com formação acadêmica de nível médio, com idade de 23 e 34 anos.

A entrevista baseou-se em uma única pergunta para os adultos: *Para você, qual é a função social da escola?* E a questão formulada para o público juvenil e para a senhora idosa foi: *Para que serve a escola?* A segunda pergunta foi reformulada para um melhor entendimento dos entrevistados.

O referencial teórico que norteou o presente trabalho foi: Nóvoa, Bauman, Hall e Freire.

Capítulo I: FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

1.1 Definindo o que é Identidade na sociedade contemporânea

É por meio das interações que a identidade se produz.
Antônio Flávio Barbosa Moreira.

Considero que o tema identidade está cada vez mais evidente, sendo discutido por meio de diversos grupos sociais existentes na sociedade contemporânea.

Silva (2000, p. 74), em uma primeira aproximação ao tema, afirma que *a identidade é simplesmente aquilo que se é*, como uma característica singular do próprio indivíduo, o modo dele se reconhecer, se autodeclarar, como é o caso, por exemplo, da definição da nacionalidade, da orientação sexual, da cor da pele etc. As formas de identificação citadas podem ser uma condição de confirmação da identidade do sujeito perante a sociedade.

A identidade é posta em questão logo na gestação de um indivíduo. Inicia-se na curiosidade para saber o sexo do bebê, nas escolhas das cores nas roupas, na arrumação do quarto e opção pela religião que a criança irá seguir.

Existem famílias que ao final da gestação da mulher deslocam-se para outro país para que o filho tenha outra nacionalidade. Bauman (2005, p.26) faz uma crítica ao próprio conceito de identidade nacional: *a ideia de “identidade”, e particularmente de “identidade nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” autoevidente.*

Neste trecho, o autor afirma que a identidade nacional foi *inventada* no sentido do Estado obter a organização da população, de se enfatizar seus direitos e deveres, de certa forma impor o enraizamento de pertencimento a um determinado país: *o Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade* (BAUMAN, idem, p. 27).

Acredito que a educação é à base do desenvolvimento humano. A criança aprende a falar, adquire costumes e hábitos da sua família de origem que vão passando de geração para geração. Logo após o nascimento, a criança é inserida no grupo social de sua família ao passo

que inicia o processo de socialização com o mundo a sua volta, a construção de sua identidade social e cultural dentro do ambiente familiar.

Após o nascimento, o bebê, quando sai da maternidade, é acompanhado do registro de nascimento com o nome escolhido pelos pais ou familiares, sobrenome dos pais, data de nascimento, cor da pele, local de nascimento, o que lhe permitirá futuramente ser matriculado na escola, trabalhar com a carteira assinada, entre outros direitos.

Atualmente, além do registro de nascimento, o bebê também pode sair da maternidade com o CPF (Cadastro de Pessoas Físicas); ambos os documentos possuem um número de registro que o acompanhará o indivíduo até a sua morte. Entende-se que cada indivíduo é reconhecido desde o nascimento através de um número de registro.

O presente capítulo tem por objetivo identificar conceitos pertinentes à identidade no contexto da educação brasileira e na sociedade contemporânea, pois considero ser um tema bastante discutido na atualidade tanto no campo educacional, quanto na sociedade.

No primeiro contato com a escola, cada criança leva consigo valores, crenças, a sua cultura, ou seja, seu *capital cultural*¹. Na escola, essas experiências e conhecimentos que adentram na sala de aula junto com os alunos e alunas são muitas vezes colocados em segundo plano. A escola ensina o que popularmente se denomina *boas maneiras*.

Na sociedade em que vivemos, são instituídos os valores, os comportamentos, que deveriam ter todos os cidadãos, mas sabe-se que a sociedade é desigual no que diz respeito à cultura e situação socioeconômica, pode-se estabelecer a nomenclatura de indivíduos mais favorecidos e os menos favorecidos. Refletindo sobre pessoas bem valorizadas no Brasil, creio que são aquelas que possuem diplomas, andam bem vestidas, têm empregos em empresas bem-sucedidas, são brancos, heterossexuais, moradores da zona sul das grandes cidades e os menos favorecidos são os alunos e alunas da escola pública, sujeitos que moram em regiões longe do centro da cidade, em sua maioria são negros, que moram nas comunidades e vivem com sacrifícios.

Hall apresenta uma reflexão sobre identificação no trecho destacado a seguir:

Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal (HALL, 2000, p. 106).

¹ Capital Cultural – *é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um habitus* (BOURDIEU, 2013, p. 74).

De acordo com o trecho acima, é comum perceber como as pessoas são identificadas por vestuário, comportamentos, a oralidade dos indivíduos de determinadas regiões, faixas etárias variadas, como, por exemplo, entre os adolescentes. Frequentemente, as pessoas são identificadas, também por características locais de parentesco, religião, estilo musical etc.

Cabe mencionar, que a influência da família na construção da identidade dos sujeitos é aparente. Para Bourdieu, a imposição dos pais para com seus filhos em relação à formação da identidade pode revelar-se prejudicial. O autor afirma que *a família é geradora de tensões e contradições* (2013, p. 260), promovendo sofrimento para os filhos.

Muitos pais depositam em seus filhos desejos que não conseguiram realizar em suas vidas quando jovens e de alguma forma tentam impor que eles deem continuidade a esse desejo. Há filhos que sofrem entre querer atingir seus ideais e satisfazer as expectativas de seus pais.

Bourdieu apresenta com ênfase o poder que as exigências da família podem causar na vida do ser humano:

De todos os dramas e conflitos, ao mesmo tempo interiores e exteriores, e ligados tanto na ascensão quanto no declínio, que resultam das contradições de sucessão, o mais inesperado é, sem dúvida, o dilaceramento que nasce da experiência do êxito como fracasso ou, melhor, como transgressão: quanto maior for seu êxito (ou seja, quanto melhor você cumprir a vontade paterna que deseja seu êxito), maior será seu fracasso (BOURDIEU, 2013, p. 262).

No destaque acima, considero que o autor estabelece uma relação entre o comportamento dos pais com os filhos. Do meu ponto de vista, o autor não afirma que a família seja uma má influência nas escolhas dos filhos, mas motiva a reflexão sobre a vontade dos pais que é imposta a eles, no desejo que os filhos tenham uma vida melhor, não necessariamente que a escola irá proporcionar a eles a *ascensão social*, mas, em algum momento da vida desses pais, eles não tenham conseguido realizar seus desejos, projetos de vida e conseqüentemente essa influência vai sendo transmitida aos filhos de uma forma impensada, ignorando os desejos e os objetivos deles.

Ao longo da vida, no relacionamento com outras pessoas, depara-se com histórias em que os filhos, para *agradar* seus pais (ocorre geralmente no interior das famílias mais abastadas) seguem os caminhos escolhidos por eles contra suas vontades. Temos um exemplo clássico na escolha da profissão, quando o pai, por exemplo, é médico ou advogado e o filho quer ser músico. Esse filho, se não seguir a profissão do pai, será criticado pela própria

família. Por outro lado quando o filho *obedece* aos ideais dos pais, em alguns casos, torna-se um mau profissional, um fracassado e até mesmo uma pessoa infeliz, reprimida. Certamente, muitos pais influenciam seus filhos em suas escolhas profissionais, alegando não querer vê-los passando dificuldades na vida. Expressões como *não quero ver meu filho passando por dificuldades* ou *quero ver meu filho formado como o pai*, são exemplos de projeções dos pais sobre os filhos.

A história familiar, a vida com sacrifícios e a vontade de ver os filhos construindo bens materiais como um sonho para os pais, faz com que os filhos fiquem divididos entre suas próprias vontades, seus sonhos e suas aptidões, por um lado, e a gratidão aos pais por outro. Foram esses pais que os criaram, forneceram-lhes educação, alimentação, vestuário, cuidaram de sua saúde mental e física. Por sua vez, alguns pais sobrecarregam essa responsabilidade de volta para os filhos. Segundo Bourdieu (idem, p.263) os pais *desejam e temem que o filho se torne um alter ego, teme e deseja que ele se torne um alter*, com uma demonstração de desejo e egoísmo com os filhos.

No entanto, mesmo com os sentimentos de gratidão e amor aos pais, é necessário que o filho pense quem realmente ele é, como é visto pela sociedade, descobrir suas vontades, e o pode se tornar. Porém, percebo que está presente em nossa sociedade atual uma pressão simultânea da família, da escola e da sociedade, que de certa forma afirmam instruir o que é melhor, qual caminho seguir, sem perguntar do que realmente a pessoa gosta e o que ambiciona para a sua vida. A tarefa é árdua, pois as escolhas e os ideais sempre geram conflitos.

Na fase que perpassa a adolescência, o processo de identificação ocorre de forma contrária à imposição de ideais, é o momento das experimentações, dos conflitos hormonais, das contestações. Os adolescentes buscam ser reconhecidos e aceitos por seus grupos sociais próximos, passando a assumir as características dos grupos escolhidos.

A adolescência é uma fase de desenvolvimento do ser humano que causa temores aos pais. É um estágio de escolhas, surgem às dúvidas também quanto à sua autodeclaração e afirmação dos jovens. É um momento de geração de conflitos internos e externos. Entretanto é possível encontrar pais que não conseguem manter o controle das situações e a repressão com os filhos acontece efetivamente por falta de conhecimento, de apavoramento.

Os adultos geralmente não procuram orientação profissional para lidar com essa fase turbulenta e ao mesmo tempo decisiva na vida do adolescente. Cabe ressaltar que tanto os

acontecimentos marcantes na infância como na adolescência podem refletir-se na vida adulta. Para Moreira & Carvalho (2006, p.59), afirmam que é por meio das interações com o outro que a identidade se produz.

A identidade não se apresenta fixamente, como se fosse algo inato. *As identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem cruzar ou ser antagônicos.* (HALL, 2000, p. 108).

A formação da identidade está sempre em constante transformação. Essa mudança ocorre nas situações cotidianas. Decerto que os indivíduos assumem identidades para uma melhor posição social, a luta por um ideal, a afirmação cultural etc.

A construção da identidade decorre desde a infância. As crianças em suas brincadeiras apresentam com naturalidade grande facilidade para assumir diversos papéis sociais simultâneos durante as suas brincadeiras. Transformam-se em super-heróis, princesas, fazem imitação de animais, de seus pais, do modo como vivem em suas casas, do ato de fazer a comida, de arrumar a casa. Manifestam até o papel de seus professores nas brincadeiras de representação da escola.

No entanto, as influências que levam à variação da identidade são expostas por meio de discursos e práticas sociais inseridas e exercidas pelos seres humanos, sendo escolhas individuais ou coletivas que estes fazem ao longo de suas vidas. A construção da identidade é complexa, pois vivemos em uma sociedade passível de mudanças constantes.

Hall (2014) apresenta três concepções de identidade em função dos diferentes sujeitos. Ele assim os classifica: sujeito do iluminismo, sujeito sociólogo e sujeito pós-moderno.

O *sujeito do iluminismo* seria classificado como o indivíduo centrado, imutável. Nasce e se desenvolve, mas permanece idêntico ao longo da sua existência:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos (HALL, 2000, p. 108).

No trecho destacado, o autor associa a reflexão de construção da identidade a um resgate do passado ou de algo inato, como se estabelecesse uma espécie de apego, uma imposição por meio dos recursos, da linguagem, de algo imutável, como se a sociedade jamais evoluísse e todo o conhecimento não precisasse ser renovado, repensado. Como se tudo continuasse intacto no mesmo lugar perenemente.

Nos dias atuais, por mais que o indivíduo seja bastante centrado, apegado ao seu passado histórico, a tecnologia involuntariamente nos conecta com o mundo em volta. Considero que esse tipo de sujeito faz suas escolhas na vida e de pertencimento individualmente, mas todo o sujeito precisa da interação com outro para a sua sobrevivência.

O *sujeito sociólogo* é o ser induzido a refletir a progressiva complexidade do mundo moderno, nessa situação, o sujeito não se limita a pensar como um indivíduo autossuficiente, autônomo, idêntico, imutável, mas se percebe como um ser humano formado na relação do próprio eu e com o outro, com a cultura, com os valores, com os símbolos, com os sentidos que cerca o ser humano, que preenche o espaço entre o *interior* e o *exterior* (HALL, 2014, p.11).

Os valores e a cultura não são únicos. O sujeito começa a ter a noção da necessidade de uma reflexão sobre o mundo, quando compreende que os indivíduos são mutáveis. Para Moreira (2006, p.21), declara que a *identidade constitui-se como uma ponte entre o eu e as dimensões cultural e social*.

O *sujeito pós-moderno* é a continuação do ser sociólogo. Seria o *sujeito que não tem a identidade fixa, essencial ou permanente* (HALL, *idem*, p.11), mas, sim, a identidade formada e modificada sucessivamente por meio das relações do sujeito com o mundo exterior que o cerca. O que tem significado para o indivíduo, ele reflete sobre o mundo ao redor e fica passível a possibilidades de mudanças e experimentações.

Em conformidade com Hall (2014, p.12), *dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas*.

A identidade possui duração temporária, o sujeito a conduz de formas diversas em momentos oportunos. Dificilmente ele será um ser fiel, visto que, na sociedade contemporânea, os movimentos culturais estão cada vez mais presentes e o acesso às informações ocorre de forma mais rápida.

Atualmente, com a facilidade e a popularização do acesso ao uso da internet, abrem-se possibilidades para um contato maior com a diversidade cultural. As pessoas têm o livre arbítrio para expressar suas ideias e seus ideais, seus sentimentos, sem ao menos suceder o contato direto e físico com o outro e a interação entre as pessoas, também ocorre por meio da rede de computadores e celulares ligados ao mundo inteiro.

As palavras de Bauman apontam para as consequências do uso abusivo da tecnologia que invadiu a sociedade:

Os celulares são suficientes. Podemos comprá-los, junto com todas as habilidades de que possamos precisar para esse fim, numa loja da principal rua do centro da cidade. [...] Ligados no celular, desligamo-nos da vida. A proximidade física não se choca mais com a distância espiritual (BAUMAN, 2005, p. 33).

Com a utilização dos aparelhos eletrônicos, as pessoas colocam os fones de ouvido e não prestam atenção o que se passa ao redor, os indivíduos não olham uns para os outros.

Considero também relevante para a reflexão, à utilização das redes sociais, em que os indivíduos adquirem múltiplas identidades, com a invenção de diversos perfis, a cada momento apresentando-se como pessoas diferentes. Sujeitos que conversam entre si, que se elogiam, que *curtem* postagens através das redes sociais, mas, pessoalmente não interagem umas com as outras. É muito comum ver em bares e restaurantes, grupos de pessoas sentadas na mesma mesa com pouquíssima socialização, cada uma com seu celular em mãos interagindo indivíduos virtuais.

Com o uso excessivo desses serviços tecnológicos, a interação entre as pessoas revela-se cada vez menor; por outro lado, paradoxalmente, a criação de páginas de grupos de formadores de opinião, discussão e de exposição de vídeos é cada vez maior: encontram-se páginas para expor trabalhos realizados, para discussão de ideais, para convites de festas, para vendas de produtos, para denúncias etc. Nas redes sociais, diversas identidades articulam-se com propósitos e objetivos diferentes, mas ocupando o mesmo espaço para exposição de imagens, para discursos sobre temas variados; cada indivíduo identifica-se e implementa-se suas escolhas, e a quantidade de pessoas que participam de grupos - seja de discussão, de produtos de beleza, de eventos etc - é grande.

Bauman (2005, p.19) complementa os argumentos de Hall (2014) sobre a formação da identidade que considero relevante para uma reflexão: *as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas*. Ele reforça que há identidade escolhida pelo próprio indivíduo, e há outras que são influenciáveis, estão a todo momento em torno das pessoas, valendo-se das experimentações, das angústias, das responsabilidades, da aceitação.

Refletindo a construção da identidade no ambiente escolar, acredito que o contato da criança com a diversidade cultural está sempre presente, através das experimentações, dos questionamentos, na diferença reconhecida no outro. Para Moreira e Carvalho (2006, p.45), o espaço escolar é o lugar de grande aprendizado e de trocas de vivências e experiências, espaço este segundo os autores, cuja identidade aponta que *a ideia é que a criança na escola, ao conviver com a diversidade cultural, venha a aprender com ela. Para isso, então, fazem-se oportunos novos currículos na escola e na formação de professores*.

No trecho destacado acima, percebe-se que a discussão sobre identidade ultrapassa os limites da singularidade da vida de cada indivíduo, ela afeta também o ambiente e o currículo escolar.

Se todo currículo *quer* modificar algo em alguém, se todo currículo *quer* transformar alguém em direção a determinadas características identitárias, torna-se essencial refletir sobre como será esse alguém transformado pelo currículo e sobre como organizar o processo que propicia a transformação (MOREIRA, 2005, p. 30-31).

A partir da citação acima, reflito sobre a elaboração do currículo como um processo que se encaminhe para uma educação transformadora, com focos na aprendizagem do aluno, no desenvolvimento de sua autoestima, na sua formação como cidadão, de forma que se sinta estimulado a agir com autonomia e com reflexões sobre a vida e o mundo.

Moreira e Carvalho reforçam a importância da escola como espaço de construção de identidade:

É na escola, mas não só nela, que se pode ajudar a formar crianças e jovens cuja autoestima lhes propicie o respeito por si próprios e pelos outros, condição necessária para o cumprimento de seus deveres e para a luta por seus direitos como cidadãos de nosso país e do mundo contemporâneo (MOREIRA & CARVALHO, 2006, p. 47).

O espaço escolar é um bom ambiente para se discutir e pôr em prática as ações sobre identidades, diferenças e culturas, pois a partir da escolarização, com o contato com o mundo exterior, desenvolve-se as habilidades, gostos, escolhas do aluno. Tem-se o contato com o diferente, pessoas fisicamente distintas, de lugares variados etc. Os professores podem ser grandes aliados nesse entendimento da desigualdade, da diferença. Isso pode se dar em uma conversa, em debates, atividades que misturem os grupos.

Na escola, a identidade pode ser aplicada por meio da autoestima. Os educadores e educadoras podem abordar o tema nas diversas disciplinas expostas nos currículos escolares, como História, Geografia, Português, por meio de atividades tais como, por exemplo, autorretrato, contação da história do lugar de seu nascimento e dos seus antepassados.

De acordo com os autores citados, a identidade remete-se realmente a quem somos, nossas origens, valores, hábitos, cultura de família, à classe social na qual estamos inseridos, à etnia, às escolhas e aos ideais.

Concordo plenamente quando Hall (2000, p.108) pronuncia que *as identidades não são nunca unificadas*, estão sempre se transformando e modificando-se de acordo com o mundo a nossa volta. As nossas escolhas nem sempre são aceitas pela família, pela sociedade, e cada fato novo requer uma nova escolha.

O debate sobre identidade em nossa sociedade atual e pelas das redes sociais virtuais têm gerado muitas rodas de conversas, diversos grupos são formados no facebook, pessoas expressam suas opiniões para todos os lugares, em todas as línguas, pois essas redes estão ligadas ao mundo inteiro e os indivíduos concebem certa visibilidade perante a sociedade. Percebe-se tamanha diversidade cultural por meio de comportamentos, estilos físicos, gostos musicais, etc. Entretanto, nota-se que as resistências culturais estão em grande movimento. A relação e a interação com o outro se revelam posições sociais, o lugar do indivíduo na sociedade em que vive, conforme surgem os incômodos e as indagações.

Considero que a sociedade pressiona a população, para que os indivíduos sigam padrões e condutas que se consideram o mais adequado para se viver em conjunto. Segundo Bauman (2005, p. 21), *a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado e não descoberto*. Mas, considero que a identidade é descoberta sim, a partir das experiências vivenciadas por todos os seres, com a interação dos sujeitos entre si e com o mundo que vivem.

Presencio muita intolerância, falta de respeito ao próximo, a diversidade cultural e social no ambiente em que se vive. A escola pode se tornar uma grande aliada no processo de valorização dos alunos como sujeitos sociais, respeitando seus valores e crenças, mostrando a esses indivíduos que independentemente da posição social que atualmente se ocupa, todos somos capazes de fazer uma leitura de mundo, colocando-se no lugar dos outros, socializando e produzindo conhecimento coletivamente.

Devido ao fato que diversas situações ocorridas no dia a dia trazem mudanças para o comportamento humano e suas formas de pensar e agir, para finalizar este subcapítulo, creio que não se pode conceber apenas uma única identidade, os indivíduos estão em transições sem fim.

1.2 Infância e Identidade

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntas, as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.

Rubem Alves

Ao ouvir a palavra *infância*, penso como muitos adultos da sociedade contemporânea, afirmando que foi a melhor fase da vida, lembrando-me dos brinquedos, das brincadeiras, das experiências vividas naquele período. O *ser* criança era o brincar, alimentar-me, frequentar a escola. Recordo-me que, durante a infância, não via a hora de crescer, principalmente no momento da repreensão dos adultos por algo que fazia errado, o que me aborrecia.

A minha infância foi vivida nos anos 80, no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Naquele contexto, a vida social e econômica das famílias pode ser assim descrita: a maioria das mães cuidava dos filhos e da casa; algumas mulheres com mais habilidades, como a minha mãe, costuravam roupas, faziam doces, salgados e bolos por encomenda para o auxílio na despesa do *lar*, e os pais trabalhavam na rua para o sustento da família. Sendo a segunda filha, o meu enxoval foi o repasse das roupas e sapatos da primeira irmã. A afetividade da minha família para com os filhos limitava-se a uma boa alimentação, os filhos sem doenças, saudáveis, com roupas limpas e em bom estado, o contato físico como um abraço, um carinho era restrito.

Meus pais em particular, com duas filhas, sabiam os nossos gostos alimentares, os programas de televisão preferidos, os quais em momentos de punição eram suspensos até que nós (as filhas) melhorássemos o comportamento. O uso de tecnologia, naquela época, além dos brinquedos comuns, como bonecas, jogo de cozinha (panelas, talheres, pratos e alimentos), bolas, eram os jogos de vídeo game, mas poucas famílias podiam comprá-lo. Meu pai era quem trabalhava externamente. Ele prometia brinquedos melhores, como bicicletas, patins e brinquedos mais caros, se eu e minha irmã durante o ano letivo na escola tivéssemos bom comportamento, sem reclamações da professora e nas disciplinas tirássemos notas consideradas *boas* e fôssemos aprovadas para cursar o ano subsequente do Ensino Fundamental.

O meu convívio social nos primeiros anos de vida foi com as crianças das casas vizinhas; brincava-se na rua de bola, de *pega-pega* (brincadeira de correr uns atrás dos outros e ninguém podia ser pego), amarelinha ou na casa de parentes, convivendo com os primos, tios e avós. Minha inserção na escola foi na fase pré-escolar, por volta dos cinco anos de idade.

Na educação infantil, a escola era de pequeno porte, a socialização se dava com os amigos do próprio cotidiano local, as professoras, todas eram mulheres, em sua maioria, oriundas da mesma região, ou seja, todos nós pertencíamos ao mesmo lugar. *A ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa* (BAUMAN, 2005, p. 18).

De acordo com a afirmação do autor, no momento histórico em que vivi a minha infância, as pessoas possuíam um pensamento enraizado quanto ao pertencimento do seu lugar de origem. Nessa região que havia mercados e escolas, era comum encontrar a professora pela rua ou no mercado fazendo compras. Meus pais não pensavam sequer em mudar de casa para bairros melhores. Comprava-se a casa própria com muito sacrifício e ela significava um grande bem que não podia ser perdido, bem como o costume de ser reconhecido pelas pessoas do bairro e pelos vizinhos, o que representava um sentimento de segurança para a família. Atualmente o cenário é diferente, as pessoas estão se mudando para outros bairros, cidades, países, perdendo-se o vínculo social primário com os lugares e as pessoas. Eu, na infância, vivia em torno dos adultos, e as crianças com as quais me relacionava eram os meus amigos de classe, vizinhos e parentes. Sentia-me pertencente àqueles lugares e àquelas pessoas, para mim éramos todos iguais.

Na Idade Média, não se tinha conhecimento e nem uma realidade do conceito de infância, as crianças que se mostravam independentes e desmamadas, logo eram inseridas no meio dos adultos. Para Ariès (1978, p. 52), *a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida*. Comparando essa citação a minha infância, eu era vista como uma criança que não sabia nada, e quando os adultos estavam conversando, tinha que sair de perto e ir brincar.

Nota-se que na Idade Média, a preocupação era dar continuidade à tradição do nome das famílias e seus bens. Percebe-se que o período da infância concebido naquele momento se enquadra como um espaço de tempo para o desenvolvimento físico até a chegada à fase adulta. Sem a presença da afetividade com as crianças. Na sociedade atual encontram-se pais que alegam sentir o que se denomina *amor incondicional* por seus filhos, sentimento que visivelmente não existia entre as famílias naquela época (Idade média), o que não impedia que algumas *gracinhas* que as crianças por ventura fizessem as tornassem visíveis para esses adultos.

Corsino apresenta uma ideia de visibilidade infantil:

A visibilidade da criança é ainda contraditória; ora ela é vista pela ótica da falta, do vir a ser, ora pela das suas competências e possibilidades. A imagem da criança enquanto sujeito ativo no mundo sócio-histórico-cultural, que interage no meio se formando e transformando, ainda não está totalmente disseminada (CORSINO, 2003, p. 9).

Geralmente, as crianças são apresentadas a sociedade como seres incapazes, sem raciocínio, como um corpo em transição de forma física, motora e cognitiva. Elas são dependentes dos adultos que afirmam saber o que é melhor para as crianças, *civilizam-nas* culturalmente dentro das *normas* sociais vigentes e com os valores familiares.

A fase da infância que contempla legalmente os primeiros 12 anos de vida dos indivíduos na sociedade é possível observar uma complexidade de sujeitos de diferentes classes sociais e de realidades de vida distintas. No entanto, pode-se dizer que em nossa sociedade desfruta-se de várias infâncias.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), afirma que *a infância é mais do que simplesmente o tempo do nascimento e o início da vida adulta. Está relacionada ao estado e à condição de vida de uma criança: envolve a qualidade desses seus anos de vida*.

A partir da citação acima, constata-se certa dificuldade para estabelecer um conceito único de infância, cabe ressaltar o pensamento na *situação mundial da infância* (UNICEF, p.1), na qual se depara com crianças de diferentes etnias, sendo muito bem tratadas e outras maus tratadas. Pequenos seres humanos famintos, catadores de lixo, carregando em suas mãos armas de fogo, envolvidos em guerras que os adultos criam sem a devida explicação, outras vivendo no luxo, na limpeza, no bem estar, na afetividade. Como será que essas crianças veem suas infâncias? Como a sociedade enxerga a criança?

Considero que o mundo infantil, que primeiramente pensa-se nas brincadeiras, nos desenhos, nos brinquedos, mas, que está abrindo espaço para a inserção das crianças ao mundo adulto, como se estivesse pulando uma etapa da vida, desrespeitando os direitos das crianças, seu bem estar, implicando no seu desenvolvimento físico, motor e cognitivo. Corsino (2003, p. 10) afirma que *a diferenciação entre crianças e adultos vai depender do contexto e das condições sócio-históricas e culturais em que vivem.*

Particularmente observa-se nas regiões mais pobres de nosso país, o fato de que quando o adulto sai para trabalhar, a criança mais velha é quem cuida dos irmãos menores e dos afazeres da casa. Considero, que essa criança poderá se distanciar da escola e também não usufrui da sua infância, ou seja, não brinca, não cria, não constrói, não reconstrói e por consequência a sua situação de vida, atinge-se sua autoestima. Quando a criança é amada, respeitada, valorizada eleva-se a autoestima dela.

Ao andar com atenção pelas ruas, seja a pé, de ônibus ou de carro, é comum observarmos crianças menores de 12 anos vendendo doces ou pedindo dinheiro para alimentação e/ou para ajudar um adulto em casa.

Os fatores citados acima podem ocasionar o desinteresse e o afastamento dessas crianças da escola. Outro fator de extrema relevância a se pensar e discutir são as crianças aliciadas para o mundo do tráfico e usuárias de drogas. São crianças completamente abandonadas, sem orientação e perspectivas, cujas vidas são violadas e oprimidas, que perdem o direito de brincar, de imaginar e de criar.

Alves (2013) relata uma situação vivida por crianças que estudam e moram nas comunidades que vivem em guerras pelo poder do tráfico e incursões da polícia:

O fogo cruzado alcançava as salas de aula. As crianças tinham que se esconder nos armários, atrás dos muros, nos banheiros, muitas crianças entraram em choque; algumas ficaram com problemas nos ouvidos; e o medo que elas sentiam tornou o ensino muito difícil e algumas vezes até impossível (ALVES, 2013, p.72).

A partir desse triste relato, reflito sobre crianças que são impossibilitadas de estudar, limitadas pelo seu direito de ir e vir, muitas ficam com traumas, problemas físicos e psicológicos, vivendo somente essa realidade de terror.

Na vida rural não é muito diferente: as crianças, também sofrem com o trabalho infantil, caminhando cada vez mais cedo para as lavouras. Uma pesquisa do *Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio)* apresentou que em 2014, o trabalho infantil aumentou. *Havia 554 mil crianças de 5 a 13 anos trabalhando e na região Norte do país, é que se concentrava o maior número de crianças que trabalhavam, o maior crescimento, de 1 ponto percentual. As demais regiões apresentaram aumento de 0,6 pontos percentual, enquanto na região Sudeste, a menor, 0,4 ponto percentual. As demais regiões mostraram acréscimo de 0,6 pontos percentual.* Para essas crianças, a escola mantém-se em segunda instância, visto que, elas estão exaustas por causa do trabalho pesado executado. As escolas, por sua vez, localizam-se longe de suas residências, sem transporte, com estradas ruins, contudo, os alunos cansados, tendo que ir a pé ou até mesmo estudar no turno da noite. Por motivos diversos as crianças não conseguem frequentar a escola. O trabalho árduo infantil impede o desenvolvimento físico saudável da criança nessa fase, bem como interfere em seu desenvolvimento emocional.

Entretanto, pela legislação, o trabalho infantil é uma prática ilegal, mas nem todos os adultos são punidos por infringi-la.

Os adultos responsáveis, sem escolha, para manter o sustento da família, contribuem para o desmerecimento da educação escolar, do brincar e sua escolarização. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 60, *é proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz* (BRASIL, 1990).

Além do trabalho infantil, considero relevante complementar à pesquisa, sobre as crianças pertencentes nas classes socioeconômicas mais favorecidas. Percebe-se as crianças obtendo um certo poder de superioridade sobre os adultos. Veem-se pequenos sujeitos sociais com excesso de desejos, sendo mediadas por suas cuidadoras (babás). Crianças vestidas como a mãe ou o pai, maquiadas, com unhas pintadas, frequentando salões de beleza, escolhendo suas roupas, sapatos, acessórios. Adultos atraindo-as para o consumismo e contribuindo para

a falta de limite desenfreado. Situações como essas me leva a questionar a real superioridade dos adultos em relação a criança.

Sarmiento (2009) aponta para uma profunda reflexão sobre o papel do adulto para com as crianças:

O poder de controle dos adultos sobre as crianças está reconhecido e legitimado, não sendo verdadeiro, inverso o que coloca a infância independentemente do contexto social ou da conjuntura histórica numa posição subalterna face à geração adulta (SARMENTO, 2009, p. 22).

O domínio dos adultos sobre as crianças acontece na escolha das suas necessidades básicas, como alimentação, saúde, educação, moradia, vestuário etc, elas estão sempre acompanhadas de um adulto. As crianças observam os *pontos fracos* dos adultos especificamente dos seus pais ou os responsáveis legais delas e acabam prevalecendo essas características a seu favor, em muitas ocasiões as crianças, quando querem algo que lhes é negado, jogam-se no chão, choram sem parar, até conseguirem o que querem, e os responsáveis se sentem envergonhados, acuados, e são submetidos a atender aos caprichos delas. Nesse momento, elas se tornam os protagonistas da situação.

Durante a minha infância ouvi diálogos entre adultos que diziam que *as crianças não sabem o que querem*. Expressões como essa revelam adultos que permitem às crianças, descobrir seus próprios gostos em decorrência de suas experiências individuais e sociais.

Observa-se, na sociedade atual, que as crianças mais desafiadoras, que experimentam o novo sem medo, que estão sempre em movimento, muitas vezes são consideradas em situações escolares pelos professores, como *sem educação, sem limites ou hiperativas*.

Todavia, com as informações caminhando cada vez mais rápido na atualidade, algumas crianças, mantêm o controle emocional dos adultos quando querem algo, sejam por meio da linguagem (como gritar em público), gestos (se jogam ao chão para chamar a atenção dos adultos que estão a sua volta), monopoliza a situação utilizando-se a seu favor. Geralmente esse tipo de situação acontece com os pais que por fim, cedem, pois estão cansados, a vida da família nos dias de hoje está com mais atribuições de trabalho, homens e mulheres trabalham para o sustento da família. A falta de limites no ambiente escolar, considero que pode dificultar à criança a socialização com a diversidade presente, com as atividades em equipe e com as regras. Durante as minhas experiências em escolas, esses

alunos manifestavam-se com grande resistência para ouvir e respeitar o professor na sala de aula.

Ao pensar na visibilidade das crianças como sujeitos sociais, atuantes na sociedade, volto-me para o ambiente escolar e percebo que a centralidade mais aparente delas, está nas escolas de Educação Infantil. Nesses espaços encontram-se infraestruturas adaptadas para elas como o tamanho das mesas, cadeiras, mobílias, brinquedos, banheiros, trocadores e as atividades de conteúdo escolar são elaborados especificamente para o alunado infantil, respeitando as suas faixas etárias.

Cabe ressaltar, que a criança padece com a opressão, o poder e a influência dos adultos, que muitas vezes não dão ouvidos ao que elas querem dizer. A criança se expressa por meio de inúmeras formas, como a corporal, a gestual e a oral.

Tanto no ambiente familiar quanto no escolar, é possível encontrar adultos que não observam as vontades, expressões e aptidões das crianças. Os adultos muitas vezes condicionam, coordenam os movimentos delas; mas estas, por serem dependentes econômica e socialmente desses adultos, não precisam ser ouvidas? E esses mesmos adultos vibram com o desenvolvimento e a autonomia das crianças, ficando felizes com os progressos, porém, utilizam o seu poder para impor seus princípios, e não consideram de fato a especificidade de cada um desses pequenos indivíduos.

Vale considerar que, nos tempos de hoje, o cuidar da criança na forma assistencial prevalece em nossa sociedade, como uma prevenção para que nada de mal lhe aconteça. O bebê ao nascer é rodeado de muitos cuidados, pois é um ser humano frágil que precisa de amor, carinho e alimentação. Mas não se pensa que a partir do nascimento, ele passa a ser um sujeito social inserido na sociedade, que no início da sua vida, é influenciado e auxiliado pelos adultos responsáveis por sua criação. No entanto, é relevante deixar claro que a criança produz conhecimento e cultura a todo o momento, pois não tem medo e nem pudores de experimentar o novo. Cria seus brinquedos e imagina várias histórias e situações que fazem parte de suas brincadeiras, muitas crianças desafiam seu próprio corpo.

A discussão do conceito de infância ultrapassa fronteiras. De acordo com Corsino (2003, p.11), *são as condições de vida e as formas de inserção e de valorização da criança nos grupos sociais que determinam as diferentes concepções de infância.*

Em nossa sociedade, temos crianças e infâncias variadas. Crianças que usufruem a infância em plenitude, em lares felizes; crianças com responsabilidades de adultos; crianças que vivem em situações precárias, sem alimentação adequada, sem afeto.

Cabe mencionar a influência da mídia por meio das suas produções culturais, de desenhos que ensinam as crianças a chorar para conseguir o que querem, a fazer *malcriações*, desenhos de lutas corporais agressivas e com uso de armas, programas de TV e músicas que influenciam na erotização precoce das crianças, a exposição em telejornais de crianças convivendo com a violência doméstica abertamente e sofrendo agressões físicas e psicológicas.

Bourdieu apresenta uma reflexão importante a respeito da influência da mídia para a sociedade:

A distância entre os produtores profissionais (ou seus produtos) e os simples consumidores (leitores, ouvintes, espectadores e também eleitores), que encontra seu fundamento na autonomia dos campos de produção especializados, é mais ou menos inaceitável, do ponto de vista dos princípios democráticos, segundo os campos. E, contrariamente às aparências, ela é observada também na ordem da política, da qual contradiz os princípios declarados (BOURDIEU, 1997, p.114).

A partir do trecho acima, pensa-se na mídia como um mercado de informações e entretenimento. Nos dias atuais todas as pessoas têm acesso a qualquer conteúdo. Profissionais produzem e expõem ao público o que querem; os adultos, devido às suas atribuições diárias, contribuem para que as crianças assistam à televisão e/ou sentem horas diárias diante do computador. Os programas de TV que supostamente *acalmam as crianças* são muitas vezes considerados ótimos pelos adultos, pois permitem que eles consigam realizar com êxito seus afazeres em casa sem precisar oferecer a merecida atenção que a educação das crianças exige.

Considero que a infância atual representa para a sociedade um desafio de grande complexidade. No meio de um mundo completamente tecnológico, com informações sendo atualizadas rapidamente, alguns adultos podem permanecer sem saber como criar e cuidar da criança.

A criança tem que brincar, sujar-se, experimentar por meio dos seus sentidos e da linguagem, não ficar à frente de uma enorme televisão e/ou computador e /ou celular assistindo produções culturais que para mim (adulto) não fazem sentido, mas, algumas crianças ficam *hipnotizadas* com essa programação.

1.3 Brincadeiras e Identidade

Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis.

Lev Vygotsky

As brincadeiras fazem parte da infância de todos nós. Até mesmo os adultos que tiveram uma infância difícil, que começaram a trabalhar desde crianças para auxiliar a família no sustento da casa, contam sobre as brincadeiras das quais mais gostavam de participar, com muita alegria; eles as lembram como *tempos bons que não voltam mais*.

Para Benjamin (2002, p.21), nós, adultos, lutamos *contra um ser mascarado*. Para ele a máscara *chama-se experiência*. Interpreto essas palavras como uma tendência dos adultos ficarem presos às próprias vivências, como se fossem verdades únicas. É o caso, por exemplo, dos adultos, que para o autor, *o adulto desvaloriza os anos que estamos vivendo, converte-os na época das doces asneiras que se cometem na juventude, ou no êxtase infantil que precede a longa sobriedade da vida séria* (*idem*, p. 21 e 22). As crianças brincam com as brincadeiras que seus antepassados brincavam, criam e recriam outras brincadeiras a todo momento.

As brincadeiras, assim como os brinquedos, têm geralmente a origem desconhecida; embora não se saiba quem as inventou, elas vão passando de geração para geração, de pais para filhos em todo o mundo.

O ato de brincar para as crianças representa um momento de lazer, de descontração, de socialização. Os estudos relacionados às brincadeiras revelam que a ação de brincar supera a diversão e o prazer, *abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade* (BORBA, 2009, p. 70).

No mundo infantil, os objetos e os espaços têm diversos significados: a caneta passa a ser a espada; o canto do sofá vira uma casinha de bonecas; os amigos são os filhos, os irmãos, o animal de estimação; as cadeiras são o carro, o trem. As crianças interagem nas diversas brincadeiras sem sair do seu lugar de origem.

Nas brincadeiras, as crianças podem assumir diversas identidades ao mesmo tempo: a mãe, o médico, a professora, o policial, o caçador, o lobo mau, a linda princesa em seu castelo. Mediante as brincadeiras, as crianças passam por diferentes momentos históricos misturados com sua realidade.

O brincar na infância estimula a criatividade das crianças; por meio dele, elas colocam em prática o que vivenciam em suas vidas cotidianas, compartilham, combinam, organizam-se entre si, socializam umas com as outras, com um acesso maior à diversidade cultural.

Borba mostra a importância das brincadeiras na vida da criança e suas contribuições:

No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras (BORBA, 2009, p. 71).

De acordo com o trecho acima, nota-se que com as brincadeiras, as crianças por intermédio da linguagem, articulam-se entre si, colocam-se responsabilidades e atribuem-nas para outras crianças, driblam conflitos e finalmente se entendem.

A título de ilustração, apresento a seguir alguns diálogos que protagonizei como professora em formação de educação infantil, ao interagir com crianças em momentos lúdicos:

Diálogo 1:

(Criança 1) - *Vamos montar um castelo bem grande?*

(Marcela) - *Vamos sim. Mas por que você quer montar um castelo bem grande?*

(Criança 1) - *Ora, porque os castelos das princesas são muito grandes...*

Começamos a montar e a criança me direcionava:

(Criança 1) - *Coloca essa parte aqui, a janela ali. Não... Esse é o telhado!*

Observando com atenção crianças interagindo entre si durante brincadeiras, percebi como a linguagem utilizada revela entendimentos, organização e regras.

Diálogo 2:

(Criança 2) - *Agora eu vou falar.*

(Criança 2) - *Você e eu somos as princesas, e ele é o pai das princesas.*

(Criança 3) - *Eu sou o Hulk, e você é o Thor.*

As crianças estão sempre em movimento e se expressam a todo instante. Elas são capazes de brincar, desenhar e de contar histórias praticamente ao mesmo tempo.

Diálogo 3:

Uma criança estava com um livro de literatura infantil intitulado *A Arca de Noé*. Perguntei-lhe se gostaria que eu o lesse, mas me respondeu que ela contaria a história. Começou a contar para algumas crianças. Logo se aproximou uma criança e disse-lhe:

(Criança 4) - *Vamos brincar de navio? Eu sou o capitão!*

A criança que estava contando a história levantou-se e disse:

(Criança 5) - *Vamos! Vamos fazer o nosso navio!*

Então, os dois pegaram cerca de oito cadeiras, colocaram uma na frente da outra e disseram ser um navio. A posição das cadeiras atraiu a curiosidade das outras crianças da turma, e logo depois todos queriam entrar nesse navio.

O capitão do navio subiu em uma das cadeiras e disse:

(Criança 4) - *Vamos pegar os brinquedos e colocar dentro do navio! É a nossa bagagem.*

E começaram todos a colocar brinquedos dentro do navio, enquanto o capitão dizia:

(Criança 4) - *Coloca aqui! Coloca mais pra lá! Vamos colocar muito e muito brinquedo!*

No entanto, como eu observava, perguntei ao capitão:

(Marcela) - *Capitão, esse barco não vai afundar, com tanta coisa aí dentro?*

Ele me respondeu:

(Criança 4) - *Isso não é um barco, é um navio! O barco é pequeno, e o navio é bem grande... Vamos, todos entrem no navio, vamos embora!*

Uma espada de brinquedo era o seu volante para fazer andar aquele navio.

Observa-se que a partir de uma história inicial que não teve continuidade, para responder a minha pergunta, resgatou da memória e expressou-me verbalmente a diferença entre o barco e o navio. E cada aluno e aluna participaram da brincadeira, cada um (a) exercendo seu papel.

Corsino contribui para a discussão a respeito da relevância da linguagem da criança na escola:

No contexto das relações que se estabelecem no interior das escolas, é a presença da linguagem que pode garantir a vida, a troca de experiências, a construção de uma história coletiva, a comunicação, a criação de novos sentidos sobre as coisas, sobre o mundo e sobre si mesmo (CORSINO, 2009, p. 50).

De acordo com o trecho acima, devemos refletir sobre o quanto é importante valorizar a presença da linguagem das crianças na escola. Com a linguagem, as crianças expressam sentimentos de frustração, desejo, reivindicação, medos, felicidade, ampliam seu conhecimento do mundo, conhecendo novas experimentações.

Por meio do desenvolvimento da linguagem é possível observar no diálogo 3 como ela se iniciou a partir de uma história adaptada para a literatura infantil, e terminou mobilizando quase todas as crianças da turma, tornando-se um momento coletivo de uma história. A situação narrada representa o poder infantil de criar novos conceitos sobre as coisas. Na brincadeira citada, os brinquedos eram a bagagem, a espada era o volante e as cadeiras eram o navio. *A linguagem é um instrumento de ação no mundo, sobre o outro, com o outro e com os muitos outros que constituem o nosso pensamento e a nossa consciência* (CORSINO, idem, p.50).

Naquele momento, as professoras regentes perderam a oportunidade de participar junto com as crianças a experiência vivida por elas, em situações como a narrada. Nesse caso, seria possível realizar com as crianças, por exemplo, um diálogo sobre meios de transporte e

explorar a oralidade delas por meio das narrativas, proporcionando-lhes um momento coletivo intenso, dado que quase todas as crianças estavam envolvidas; em síntese, a situação espontânea oferecia a possibilidade de estimular a criatividade das crianças e valorizar suas manifestações.

Uma passagem na referida obra de Corsino expressa bem a preocupação narrada:

Uma linguagem empobrecida, sem laços de coletividade, sem uma comunidade de ouvintes. Portanto, uma linguagem que se tornou monológica, sem troca, sem diálogo, sem marcas, sem possibilidade de ouvir o outro, de conservar a tradição e a memória coletiva. (CORSINO, 2009, p. 63).

Muitas vezes, a falta de observação da amplitude de comportamentos infantis no cotidiano escolar é latente. A partir do trecho acima, reflito sobre o exercício da prática docente na Educação Infantil. A percepção dos professores fica prejudicada pelos diversos afazeres e pelas atividades burocráticas a serem exercidas. A riqueza dos relatos das experiências, os diálogos entre as crianças, a produção de cultura, podem passar despercebidos pelas professoras.

No diálogo 3, em que foi relatada uma brincadeira a partir de uma contação de história, uma criança demonstrou ter aprendido sobre a diferença entre o barco e um navio. As professoras, envolvidas com a organização das agendas e com a arrumação da sala, não registraram a rica atividade que as crianças criaram.

Como afirma Corsino (2009, p. 65), *o que as crianças aprendem com a literatura muitas vezes não está explicitado na superfície do texto; é a troca de experiências, é a possibilidade de pensar, de se pensar e de continuar o texto imaginando*. A literatura é uma porta para o imaginário das crianças, para fazerem relação com o mundo em que vivem. Ao contar histórias, percebo que as crianças se entregam a esse mundo imaginário dos contos de fadas e a temas diversos.

No cotidiano escolar por mim vivenciado no diálogo 3, a linguagem com as crianças quase sempre era interrompida. Na hora da contação das histórias, quando as crianças intervinham com algum comentário ou assunto à dramatização, as professoras pediam-lhes que aguardassem outro momento para falar. Era comum, quando alguém lhes contava uma

história, elas relembrem situações passadas e contarem histórias que de alguma forma associavam à temática abordada, como nos diálogos abaixo:

Diálogo 4:

- *Eu conheço esse animal.*
- *Eu fui ao zoológico e vi a girafa!*
- *Eu ainda não vi um pirata!*
- *Quando eu era bebê, eu não tinha medo do monstro.*

Os diálogos apresentados foram presenciados a partir das minhas experiências e observações durante o estágio obrigatório na educação infantil, onde eu acompanhava a rotina das atividades praticadas com crianças de 3 a 5 anos de idade e auxiliava as professoras nas refeições. No entanto, com a convivência com os pequenos, constatei que as brincadeiras na infância, são um conjunto de virtudes em que as crianças estão livres para criarem e renovarem histórias; elas são o que simplesmente querem ser, podem ser a mãe, o pai, o animal de estimação, personagens sem distinções. As crianças precisam vivenciar a sua infância, brincando, correndo, interagindo, sonhando, sendo felizes.

Capítulo II: FORMAÇÃO DOCENTE

2.1 Ser aluno (a) e ser professor (a) em formação

Ao refletir sobre a formação de professores na sociedade atual, primeiramente volte-me ao tempo da minha escolarização no Ensino Fundamental e à imagem dos professores que me foram apresentadas.

Como aluna via, o professor como um ser humano superior e de respeito. Nos primeiros anos da educação básica, o mesmo professor ministrava todas as disciplinas ao longo do ano (Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia); por consequência desse fato, de forma positiva, a afetividade estava presente entre o professor e os alunos naquela escola.

Alguns professores usavam a autoridade e faziam uso de castigos para os alunos, como não participar do recreio, ficar sentado na sala da direção ou ter uma suspensão de poucos dias. No entanto, os alunos gostavam desses professores.

Na escola na qual passei a maior parte da minha infância e da pré-adolescência, recordo-me de dois professores que deixaram sua marca. Um era temido, o professor de Português, faziam-se muitos exercícios por ele propostos em sala de aula, deveres de casa, pesquisas, testes quase todas as semanas e provas difíceis. Os alunos viviam reclamando dele. O outro professor era amigo, estava sempre conversando, incentivando os alunos na aprendizagem de Matemática. Esses professores, com faixa etária entre 30 e 50 anos, demonstravam afetividade pelos alunos e dedicação à profissão. Eles trabalhavam nos turnos de manhã e tarde na mesma escola e à noite, lecionava em outras instituições.

Naquele período, final dos anos 80 e início dos anos 90, a relação entre os alunos era boa, mas a diferença cultural estava presente entre nós. A escola municipal estava localizada dentro de um condomínio, e ao seu redor havia duas comunidades. As crianças que moravam nos prédios e as crianças que moravam nas comunidades frequentavam a mesma escola.

O material escolar e o didático utilizados eram cadernos e livros (um para cada matéria), dicionário, estojo com lápis, borracha, caneta, além de lápis de cor e hidrocor, que eram transportados todos os dias na mochila pesada.

O conteúdo ministrado nas aulas era sistematizado, os alunos copiavam as atividades e as matérias expostas no quadro de giz. Nas práticas educativas não havia novidades e o brincar acontecia somente na hora do recreio.

A escola exercia certo *poder* em relação à formação do indivíduo (aluno) e influenciava no amor à pátria, cantávamos o hino nacional todas as sextas-feiras antes de subir para a sala de aula. O índice de faltas era pequeno, e raríssimas vezes o professor tinha sua autoridade questionada. O diretor, junto com os profissionais da coordenação e da administração, era atuante. A qualquer problema a família logo era notificada e, em último caso, as suspensões aconteciam sem objeção dos pais.

As mães, com maior frequência nas reuniões de responsáveis e nos eventos comemorativos da escola, davam total apoio à direção. Quando recebiam alguma queixa dos filhos, chamavam-lhes a atenção na porta da escola propositalmente, para que tal reclamação não voltasse a acontecer.

Aprendi a ler, escrever e contar rapidamente. Considerada uma aluna tranquila, de pouca conversa, fazia todas as atividades, lições de casa, trabalhos de pesquisa e apresentava notas acima da média, então eu era considerada boa aluna.

Hoje, graduanda do curso de Pedagogia e avaliando a minha passagem na educação básica como professora em desenvolvimento durante os estágios realizados nas escolas públicas, reflito sobre uma inquietante questão: a formação acadêmica me prepara para ser uma professora eficiente ou será somente a prática na vivência escolar que me transformará em uma professora de profissão?

Os estágios vivenciados por mim foram e continuam sendo um ponto de partida para repensar a minha formação, quais caminhos poderei escolher dentro da profissão.

Durante a graduação percebi que são ministradas muitas disciplinas teóricas, como fundamentos da História, Sociologia, Filosofia, Psicologia da Educação. Julgo relevantes todas essas disciplinas, mas acredito que é necessário iniciar nossa prática escolar desde o ingresso na faculdade, algo que não acontece.

Pimenta e Lima discorrem sobre a organização das disciplinas e afirmam:

Na verdade, os currículos de formação têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem. Assim, sequer pode-se

denominá-las de *teorias*, pois constituem apenas *saberes disciplinares*, em cursos de formação que, em geral, estão completamente desvinculados do campo de atuação profissional dos futuros formandos (PIMENTA & LIMA, 2006, p.6).

De acordo com as autoras, no que diz respeito ao isolamento das disciplinas entre si, algumas não fazem conexão umas com as outras, como, por exemplo, a Antropologia da Educação que, para mim, não fez sentido ser oferecida junto com Psicologia da Aprendizagem.

As disciplinas a meu ver, não dialogam diretamente com os alunos e alunas na graduação, com as realidades atuais existentes nas escolas. A grade curricular do curso de formação dos professores é extensa e cansativa, fica baseada fundamentalmente nas leituras.

Nóvoa faz uma crítica quanto ao curso de formação de professores:

A formação dos professores tem ignorado sistematicamente o desenvolvimento pessoal, confundindo o *formar* e *formar-se*, não compreendendo que a lógica da atividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação (NÓVOA, p.12).

Considero que a formação do professor é *técnica*, formam-se profissionais para atuarem em escolas públicas ou privadas, propagando os saberes científicos aos alunos e alunas como se todos tivessem a mesma capacidade de aprendizagem do mesmo conteúdo. As experiências são individualizadas e não universalizadas, penso que é preciso dialogar, fazer ligações com o exterior (pessoas, comunidade e sociedade). Aos futuros professores, creio que é necessário fomentar a profissão de forma colaborativa, com credibilidade para se desenvolver o compromisso e a confiança no seu trabalho.

2.2 O professor de profissão

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

A educação escolar pública em tempos atuais passa por inúmeros transtornos, entre os quais a falta de verba para investimento nas escolas, a violência que invade os espaços escolares e o desprestígio cada vez maior da profissão do professor.

As escolas públicas têm perdido a credibilidade com a sociedade, são muitas vezes rotuladas como “depósitos” de crianças e adolescentes que sairão de lá com pouco ou nenhum conhecimento e base para futuramente prestarem o ENEM².

O motivo que me levou a refletir sobre o que é ser um professor de profissão tem uma imagem marcante, da postura e o trabalho de um professor ativo em uma escola municipal na cidade do Rio de Janeiro. Ele ministrava aulas para crianças do ciclo de alfabetização no Ensino Fundamental regular.

Durante quatro meses observei o funcionamento dessa escola pública para o estágio acadêmico obrigatório e o desenvolvimento de um grupo de alunos que nela estudavam, crianças de 6 a 8 anos, oriundos das comunidades existentes ao redor da escola. Percebi que existe um sistema educacional manipulador que empunhava suas regras, o currículo, no interior do qual os funcionários eram submetidos à reprodução dessas ordens.

A turma era composta por 30 alunos de 6 a 8 anos, muito agitados. O professor era autoritário, usava o tom de voz sempre alto para falar com as crianças. Ele não revelava esforços para ter um bom relacionamento com os alunos, não observei ele esboçar ao longo dos meses nenhuma afetividade com eles. O professor reproduzia o que lhe era recomendado pelo Município com relação ao uso de cartilhas; durante todo esse tempo, o professor não era

² ENEM- Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, cerca de 500 universidades já usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>>. Acessado em 9 de abril de 2017.

cobrado pelas autoridades presentes na escola quanto aos conteúdos aplicados, ou seja, ele tinha uma relativa autonomia em seu trabalho.

As crianças eram tratadas pelos professores e demais funcionários da escola como “pobres coitados”, mas também se ouviam frases pejorativas, como: - *Essas crianças não têm educação*; - *Essas crianças mereciam levar uma surra, vocês tinham que frequentar a escola na época da palmatória*. Palavras do professor.

A partir da situação vivida comecei a refletir sobre o que pensam professores como o mencionado a respeito do trabalho docente e de sua função social e pedagógica, considerando o fato de que ele conquistou um título acadêmico que lhe permite o exercício da sua profissão e, embora trabalhasse com autonomia, revelava falta de ética e extrema insatisfação pela profissão.

A profissão de professor é desvalorizada em nossa sociedade. Essa denominação é sentida explicitamente desde o momento em que o indivíduo escolhe essa profissão. É comum ouvir inicialmente dos próprios familiares frases como: - *Professor não ganha dinheiro! - você será um sofredor!*

O professor em formação, como qualquer estudante de outros cursos, estuda, qualifica-se, faz concurso público (algo tão almejado pela maioria dos professores formados...), projeta a estabilidade e sonha com melhorias e ascensão na sua carreira profissional.

Quando ingressa na escola pública, o professor recebe as informações necessárias para dar início ao seu trabalho docente, bem como os conteúdos a serem desenvolvidos ao longo do ano (julgo desnecessário esclarecer que, obviamente, é necessário que os conteúdos sejam do seu domínio para serem abordados com os alunos).

Com relação entre a prática docente e os saberes, Tardif apresenta:

[...] a prática docente e os saberes constituem mediações e mecanismos que submetem essa prática a saberes que ela não produz nem controla. Levando isso ao extremo, poderíamos falar aqui de uma relação de alienação entre os docentes e os saberes (TARDIF, 2007, p. 41 e 42).

De acordo com o autor, os professores não produzem os conhecimentos empregados nas salas de aula, o que considero como um exemplo de desvalorização da profissão do professor. Eles passam a vida acadêmica aprendendo conteúdos que outros idealizadores da

educação produziram para desenvolver todos os anos dentro das modalidades de ensino escolar.

Conteúdos tais como as tabuadas em Matemática e as regras no uso da Língua Portuguesa são relevantes para a aprendizagem de todos os alunos, pois fazem parte do dia a dia das pessoas. Mas devemos lembrar que vivemos em uma sociedade que sofre mudanças frequentemente, o presente avanço da tecnologia vem se expandindo a toda a população. Sendo assim, o professor não pode se prender apenas ao que lhe é fornecido e imposto. São cada vez mais necessários profissionais da educação reflexivos com suas práticas, sensíveis para perceber as especificidades anuais de cada turma, as diferentes características de seus alunos, com mais ou menos informações, que irão ou não absorver os mesmos conteúdos que não poderão mais ser oferecidos a todos de forma única e uniforme.

No que diz respeito a essa questão nas escolas públicas, cabe-nos a seguinte reflexão sobre a elaboração dos currículos escolares: as estruturas físicas das escolas podem ser as mesmas, mas as escolas localizam-se em lugares variados, com indivíduos de classes diferentes, como por exemplo: na cidade do Rio de Janeiro, temos escolas públicas no interior ou próximo às comunidades, escolas em frente à praia, no meio de bairros considerados “nobres” pela sociedade. Será que em meio disso, não temos crianças com vivências e realidades diferentes? Por que o currículo das escolas do Município do Rio de Janeiro é igual para todo o Estado? E por que não se ter o trabalho de repensar vários currículos para cada região das escolas instaladas na cidade, pensando nas especificidades e características gerais dos alunos?

Segundo o artigo 13 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), cabe aos professores:

- I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III – zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Os professores seriam muito úteis no processo de realização de currículos, planejamento dos projetos políticos pedagógicos (PPP), nas escolhas dos livros didáticos; contribuiriam não só para a melhoria nos conteúdos para a aprendizagem, mas também seriam um alimento para a elevação da sua autoestima desses educadores, e seu reconhecimento profissional, uma condição para fomentar a sua formação continuada, pois quando há desafios, a tendência é que as pessoas fiquem instigadas a quererem aprofundar seus conhecimentos. Ver na prática o que eles mesmos produziram, deixá-los-ia muito satisfeitos e geraria neles o desejo de aperfeiçoar-se sempre mais. O professor é o sujeito que lida diretamente com os alunos no dia a dia e participa indiretamente de suas vidas particulares, por isso ele não pode ficar em segundo plano nos debates sobre a educação.

Ainda quanto à reflexão sobre a relação entre os docentes e os saberes, Nóvoa apresenta como uma boa evolução profissional dos professores:

Através dos movimentos pedagógicos ou das comunidades de prática, reforça-se um sentimento de pertença e de identidade profissional que é essencial para que os professores se apropriem dos processos de mudança e os transformem em práticas concretas de intervenção. É esta reflexão coletiva que dá sentido ao desenvolvimento profissional dos professores (NÓVOA, 2007, p. 9).

Todo esse movimento se daria a partir do momento em que fosse modificada a estrutura atual das escolas e das políticas de educação, pois as condições de trabalho físicas, morais, emocionais e econômicas estão cada vez mais precárias para os profissionais de educação. Talvez um caminho fosse guiar para a resolução de um trabalho mais colaborativo entre Estado, profissionais e população, promovendo mais interação. Segundo Nóvoa (2007, p. 10), qualquer mudança que aconteça *depende do envolvimento ativo dos professores no seu desenvolvimento de concretização*. Os professores precisam se conscientizar que a melhora precisa ser para eles e para a sociedade. É necessário que os professores sejam mais visíveis ao público.

Nóvoa (2007, p. 11) chama-nos a atenção para uma relevante realidade, que é a invisibilidade dos professores perante a sociedade: *falam os jornalistas, os colunistas, os universitários, os especialistas. Não falam os professores. Há uma ausência dos professores, uma espécie de silêncio de uma profissão que perdeu visibilidade no espaço público*.

Os professores têm que ser visíveis, nada se resolve apenas dentro da escola, é preciso desconstruir a ideia de que qualquer pessoa com uma aptidão ou técnica para o ensino possa ser um professor. Os educadores precisam se aprimorar, especializar, produzir textos reflexivos sobre suas práticas e vivências nas salas de aula e nos espaços da escola.

Mas cabe colocar que os professores estão cada vez mais cobrados pela escola em suas missões e atribuições; paralelamente, seu *estatuto profissional* é crescentemente fragilizado (NÓVOA, 2009, p.12).

Considero necessário que os professores sejam compromissados, reflexivos, autônomos, inovadores, trabalhando com ética e amor, pensando na aprendizagem, na socialização e na transformação de cada aluno, mas é preciso que a sua carreira profissional esteja bem, evoluindo dentro dos parâmetros necessários. Não basta só o amor pela profissão, é necessário estar equilibradamente satisfeitos com a evolução social e econômica de suas vidas.

É primordial a presença do professor em todas as instâncias que envolvem a escola, a elaboração do currículo, materiais didáticos. É importante apresentar suas ideias publicamente, ter livre arbítrio para falarem o que quiserem, por exemplo, nas reuniões de pais, não fazer distinção de alunos (entre os melhores e os piores, ter o pensamento de que todos são capazes de aprender) e mostrar que o professor está na escola para contribuir para a escolarização, a socialização desse aluno com o mundo exterior. Por meio dos saberes escolares, é importante fazer da sala de aula um espaço democrático, mostrando aos alunos que há possibilidades de mudança em suas vidas cotidianas.

Não há como julgar as pessoas pelo que elas nos apresentam imediatamente, a aprendizagem é um processo de resultados que precisam ser observados pelo professor. Há uma dificuldade de desconstruir a imagem do professor, que *é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros* (TARDIF, 2007, p. 31), pois cada ser humano sempre sabe algo e o ensina a outro ser humano, todos possuem conhecimentos, a aprendizagem é uma troca.

O professor é uma pessoa comum como todos, possui valores, crenças, ideais, mas é um profissional que escolheu e se qualificou para ensinar conteúdos escolares a pessoas que precisam se escolarizar para futuramente trabalhar, viver melhor em sociedade.

Todas as dificuldades sociais e de trabalho que o professor de escola pública passa, não justifica uma má conduta no seu ambiente profissional, com os alunos e com a

reprodução da desigualdade social. O educador precisa pensar que as melhorias de trabalho e suas especificidades serão uma guerra sem fim ou com um fim que ainda parece distante das nossas realidades.

É preciso acreditar nos alunos, pois essas crianças são o futuro do nosso país. Como professores, é preciso deixar uma marca, não em todos os alunos, pois isso é quase impossível, mas deixar uma marca em alguns para que esses alunos possam levar para suas vidas o pensamento de que a escola é, sim, uma instituição na qual não só se aprendem conteúdos científicos, como também um espaço democrático, transformador e que precisa sempre *ser lido, interpretado, escrito e reescrito* (FREIRE, 2011b, p.95) e modificado por todos coletivamente.

Capítulo III: FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA

3.1 Educação Popular e o mundo contemporâneo

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.
Paulo Freire

Antes de redigir minhas reflexões sobre o tema consultei alguns significados para a expressão *Educação Popular*.

Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, os significados das duas palavras aparecem separadamente. *Educação é o processo de desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física do ser humano; civilidade, polidez.*

Popular é relativo ou pertencente ao povo, simples, singelo, amplamente aceito ou aprovado.

Para Farias (2011, p. 19), *a Educação, compreendendo todas as práticas formativas, é um fenômeno social, histórico, dinâmico e político.*

Não obstante, dirigi-me ao dicionário da Educação do Campo e deparei-me com vários conceitos do termo *Educação Popular*, entre os quais destaco que a *Educação Popular em sua origem indica a necessidade de reconhecer o movimento do povo em busca de direitos com formador, e também de volta a reconhecer que a vivência organizativa e de luta é formadora* (PALUDO, 2012, p. 286).

Baseada nos conceitos acima vêm-me à memória outros, de alguns dos famosos idealizadores da educação, como Paulo Freire, que defendia a concepção de Educação Popular como possibilidade de ajudar as pessoas a compreender seus modos de viver, de mostrar-lhes que podem mudar suas realidades a ponto de perceberem que são sujeitos sociais, dando início ao processo de reflexão sobre a diversidade e sobre os conhecimentos além das aparências. Segundo Freire (2011b, p.43), *essas massas estão sob processo histórico. Sua participação na história é indireta. Não deixam marcas como sujeitos, mas como objetos* (FREIRE, *idem*, p. 43).

Crianças, adultos e idosos da classe popular são identificados na sociedade como os mais pobres, indivíduos sem instrução, que lutam pela saúde de qualidade e a sobrevivência, submetidas a trabalhos pesados, exaustivos, com carga horária acima da média, previsto em lei; executam ofícios que as desqualificam e as afastam do meio social. Economicamente suas vidas não evoluem, pois ganha-se pouco dinheiro e geralmente as famílias são compostas por muitos membros, sendo que o dinheiro é utilizado para pagar contas básicas, como aluguel e alimentação.

Arroyo concorda com Freire (2011b), quando se trata da exclusão dos indivíduos da classe popular. Ele apresenta uma ideia de isolamento de um povo da sociedade. Afirma Arroyo o que se deve combater:

Negar o povo como sujeito político e cultural, mantê-lo à margem, decretando a sua não existência política e cultural e reduzindo-o a braços para os trabalhos mais desqualificados e para a saúde e sobrevivência nos limites (ARROYO, 2009, p. 402).

O Estado, por sua vez, não oferece uma assistência médica pública de qualidade, a população fica cada vez mais doente pelo trabalho exercido, pela má alimentação. Há regiões que ainda não possuem saneamento básico, o fornecimento de água é precário, são muitas as dificuldades de sobrevivência pelas quais essas pessoas passam e lutam a cada dia para melhorar. Os seus momentos de lazer acabam sendo no mesmo lugar onde vivem.

A maioria das famílias não vai para o cinema, teatro, praia, pois não se tem dinheiro suficiente, mas também se encontram no cotidiano da classe popular, pessoas que se sentem diretamente inferiorizadas e dizem que esses programas de lazer são para *bacanas* (pessoas com poder aquisitivo acima das delas).

No interior de grandes comunidades, o comércio é instalado pelos próprios moradores, muitos são oriundos de outros estados, principalmente imigrantes das regiões Norte e Nordeste, trazem sua cultura, abrem mercearias, mercadinhos, lojas de roupas, barracas de lanches, de comidas típicas e lidam com o poder paralelo (tráfico ou milícias), que é uma realidade enfrentada pelos moradores das comunidades; eles oferecem diversão, como shows e bailes, e tudo é vendido por valores menores do que nos grandes centros urbanos. Assim, os moradores ficam *isolados* em suas áreas de origem.

De acordo com Freire (2011) e Arroyo (2009), essas *grandes massas*³ (Freire, 2011a, p. 43) são formadas por pessoas simples, solidárias, com seus valores, culturas, mas oprimidas, sem poder de voz e decisão, submetidas a viver em situações precárias, de risco a sua saúde, à segurança física, consideradas inferiores perante uma sociedade na qual está instalada *uma elite que governa conforme as ordens da sociedade diretriz*. Esta elite se impõe às *massas populares* (FREIRE, idem, p. 43).

Apesar da visão negativa atribuída ao povo da classe de baixa renda, atualmente vejo manifestações dos movimentos sociais populares sendo reivindicados, como o movimento dos sem terra, que há anos luta por seu espaço; dos universitários que duelam pela melhoria na infraestrutura das universidades públicas, pelo seu direito à gratuidade no transporte público; dos trabalhadores da saúde, principalmente dos enfermeiros, que pedem melhores condições de salários e boa infraestrutura nos hospitais; dos desempregados, que buscam recolocação no mercado de trabalho. Vivemos em meio a um caos.

Em contrapartida, podemos perceber um número crescente de reivindicações e a tentativa dessas *massas populares* de desconstruir a negação do seu povo como sujeito político e social com resistências a suas culturas, seus valores. O Estado procura deter o controle da cultura popular para promover a ordem social, mas nota-se que esse controle está começando a se perder, porque o povo está despertando para a reflexão.

Segundo Saviani (1996, p.74), *quando surge o problema, o homem é levado a refletir. Esta reflexão é aberta, pois, se o homem está diante de um problema, isso significa que ele não tem a solução; é preciso buscá-la*, e quando o indivíduo não consegue achar por si próprio a solução, passa a refletir coletivamente, as ideias vão ficando mais claras e então se traça um novo caminho, *objetivos são definidos, estrutura-se uma nova orientação* (Saviani, idem, p.74).

A população atual em nosso país afigura-se no esgotamento da paciência, não aguenta mais tantas impunidades, desqualificações, preconceitos em diversas instâncias, descaso dos governantes ativos perante a invisibilidade social do povo de baixa renda. Tal esgotamento está levando essa *massa* a impor sua voz, sua imagem nas redes sociais, nas mídias de comunicação, apresentando os problemas locais de seus bairros, como a falta de água, eletricidade, asfalto nas ruas, denunciando a violência do poder paralelo, mesmo sofrendo

³ *Grandes massas*: o autor faz referência às *massas populares* (indivíduos que ocupam as classes populares). Segundo Freire (2011a, p. 43), a imposição da elite *faz com que ela esteja sobre o povo e não com o povo. As elites prescrevem as determinações às massas*.

riscos a sua própria vida, fazendo protestos nas ruas, queimando pneus, ônibus, delatando os descasos na saúde, o não atendimento nos hospitais públicos e as negligências médicas. Essas pessoas querem se tornar visíveis e indiretamente estão pedindo socorro às autoridades para que as vejam e para que seus direitos se tornem iguais aos de todos.

Os exemplos dados ainda são poucos, mas já estão causando repercussões, mostrando que as *massas populares* (FREIRE, 2011a, p.43) têm o poder de desconstruir o negativo e construir o positivo. Será um movimento árduo, contínuo e demorado. Não se pode imitar ninguém, *é preciso partir de nossas possibilidades para sermos nós mesmos* (FREIRE, *idem*, p. 45).

É na *Educação Popular* que se encontram diversas identidades, modos de pensar, de vida, de cultura. A *Educação Popular* é crítica, problematizada, pois ela parte do que o povo precisa saber para melhorar sua vidas, para que os indivíduos se tornem cotidianamente críticos, politizados e transformadores.

3.2 O Educador e a Educação Popular

Nas minhas experiências no interior das escolas públicas percebi o quanto é importante a presença e a boa relação do professor com os alunos da classe popular.

Em meio às turbulências diárias no trabalho do professor desde o momento em que ele sai de sua casa e se dirige para a escola, já está sofrendo riscos, como todo trabalhador em meio à violência urbana, com poucas horas de sono e descanso há até mesmo professores que lecionam em municípios diferentes ao de sua moradia.

No horário diurno, os professores chegam à escola e se deparam com crianças sonolentas, famintas, algumas sem uma higienização adequada. No turno da noite, encontra-se uma classe de trabalhadores que acordaram de madrugada para o trabalho, cansados, famintos, misturados a jovens que trabalham ou não, alguns desses jovens estão no turno da noite porque não têm idade para frequentar a escola no turno regular, e ainda mais, temos idosos enraizados nas suas culturas, nas suas visões de educação, de como se alfabetiza pelo método tradicional.

A partir das situações acima, se faz necessária a pergunta: os professores da sociedade atual estão preparados para lidar com a educação popular nas escolas? *A diversidade é a marca desse movimento de educação social, popular, cidadã, cívica, comunitária. Trata-se de*

uma rica diversidade que precisa ser compreendida, respeitada e valorizada (GADOTTI, p. 2).

Acredito que é um pouco difícil responder a essa pergunta, pois, como citado anteriormente, vivemos em uma sociedade em constantes mudanças, com indivíduos de diversas culturas; a cada ano de trabalho na escola, os estudantes são diferentes, ou seja, as aulas têm que ser diferentes.

Gadotti nos alerta que para ser um educador popular é necessário conhecer o outro e esse *conhecer exige tempo, sensibilidade, envolvimento, tempo para aprender e não só para ensinar, para aprender a linguagem, os códigos, os sentidos, o significado de cada gesto, palavra, olhar* (GADOTTI, p.5).

De acordo com o autor, na trajetória acadêmica não se *aprende* a atuar profissionalmente com alunos e alunas da educação popular. O que são transmitidos são os tipos de situações que podem ocorrer na sala de aula, alunos ou alunas difíceis de lidar ou de aprender os conteúdos. Para tudo isso conta-se com as teorias que fundamentam as práticas, com os programas curriculares que indicam as atividades a serem dadas ao longo do ano, de forma homogênea e uniforme, como se todas as pessoas fossem iguais.

No que diz respeito à cultura popular, segundo Candau,

A cultura escolar dominante em nossas instituições educativas, construída fundamentalmente a partir da matriz político – social e epistemológica da modernidade, prioriza o comum, o uniforme, o homogêneo, considerados como elementos constitutivos do universal. Nessa ótica, as diferenças são ignoradas ou consideradas um “problema” a resolver (CANDAU, 2011, p. 241).

O que está presente na escola é a diversidade cultural, as diferenças e as desigualdades. Quando Gadotti discorre sobre o envolvimento, a sensibilidade, o aprender e ensinar ao mesmo tempo, penso que são elementos que não precisam ser estudados na vida acadêmica; defendo, primeiramente, o respeito ao próximo, a empatia. Tanto o professor como seus alunos são oprimidos pela sociedade, pois os alunos da classe popular são os *coitados* que não têm futuro. Cabe lembrar aqui que a Constituição Federal estabelece no artigo 5º que *todos são iguais perante a Lei* (BRASIL, 1988), mas na prática o referido artigo parece-me não ser válido para todos os cidadãos brasileiros.

Os professores também sofrem relativamente opressões, como: não terem autonomia do seu conhecimento, não terem reconhecimento da profissão, serem deixados à margem da segurança e a precariedade do seu trabalho.

A diversidade cultural encontrada no interior das escolas públicas suscita muitas questões, discussões, mas ainda poucas ações concretas para trabalhar o tema nas escolas. Nóvoa (2009, p.9) afirma que *as práticas dos professores continuam a ser hegemônicas e uniformes, e a considerarem pouco a capacidade de diferenciação pedagógica.*

Acredito que o professor que leciona para a educação popular precisa conhecer o indivíduo com o qual está lidando, respeitar seus valores, suas opiniões, como o professor também tem valores, experiências, opiniões. É por isso, que nem todos trabalham de forma igual. Encontram-se professores dispostos, motivados, levando para suas aulas outras possibilidades pedagógicas, inventando, reinventando, construindo, desconstruindo, aprendendo junto com seus alunos. Entretanto, essas ricas experiências nem sempre são reveladas no aprendizado acadêmico. As diferenças e as desigualdades sociais são grandes na vida cotidiana e a escola tem dificuldades para o que Candau chama de *articular igualdade e diferença* (CANDAUI, 2011, p. 253). A escola é um espaço que gera conflitos, embates estes, que vão perdurar por muito tempo. Finalizo este capítulo com uma referência ao que Gadotti chama de *educadores sociais*, isto é, *aqueles que, mesmo não sendo necessariamente oprimidos, lutam ao lado deles* (GADOTTI, p. 3). Todos precisam lutar juntos.

Capítulo IV

4.1 Reflexões sobre a função social da escola na sociedade contemporânea

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

As discussões e os debates sobre a educação estão longe de terminar; a reflexão a seu respeito desperta em mim indignações e inquietudes e, ao mesmo tempo, um estímulo para a ação visando à mudança.

No presente capítulo, permito-me pensar e repensar conceitos sobre o funcionamento social da escola na atualidade. A metodologia utilizada, de caráter qualitativo, baseia-se em algumas entrevistas realizadas com educadores, alunos do ensino fundamental do 1º e 2º segmento, idosos e profissionais das áreas de Administração, Engenharia, Fisioterapia, Consultoria de Vendas, Auxiliar Administrativo e Contabilidade. A fim de estabelecer um diálogo com as pessoas fora das instituições de ensino formal, procurei conhecer suas opiniões a respeito do tema, sentir o impacto da escola em suas vidas profissionais ou pessoais, estabelecendo uma relação com a teoria para melhor interpretá-las.

Ao pensar na função social da escola, primeiramente sustento-me na afirmação de Nóvoa (2009, p.5), para quem *a escola desviou-se muitas vezes das tarefas do ensino e da aprendizagem para se dedicar às missões sociais*. A sociedade atual perpassa vários problemas sociais e políticos que estão afetando os sujeitos de todas as classes sociais, tais como: desemprego, aumento da violência urbana, intolerância às religiões, questões de gênero e de etnias.

De acordo com o autor, acredito que a escola deveria dar prioridade ao ensino e à aprendizagem. Um aluno de 9 anos do Ensino Fundamental de uma escola pública disse-me que a escola serve para ele *aprender a ler e escrever*. Sim, ela tem a função de alfabetizar, mas considero que se sua funcionalidade fosse somente o aprendizado da leitura e da escrita, não seria algo muito simples? Seria realmente necessário todos frequentarem a escola? Precisar-se-ia de um Ensino Fundamental de 9 anos? Lembremos que muitos indivíduos são alfabetizados em casa. Então, se a função social do Ensino Fundamental se limitasse ao ensino da leitura e da escrita, muitos dos seus problemas estariam resolvidos.

Considero que é comum ouvir-se o discurso segundo o qual a escola pública é uma instituição sem infraestrutura, onde as crianças não aprendem o suficiente, e os jovens saem do Ensino Médio sem base para *concorrer* a vagas no ensino superior. A justificativa atribuída é que as escolas não têm materiais, que faltam refeições, que nelas há professores mal remunerados que fazem greves, que faltam verbas públicas para o ensino. Segundo esse discurso, parece não haver no ensino público em geral nada positivo a ser elogiado. Paradoxalmente, a escola é vista como um *ótimo* lugar para as crianças e jovens permanecerem enquanto os pais estão trabalhando, pois sabem que os filhos não estarão nas ruas, *aprendendo o que não devem*.

Quando Nóvoa (idem, p.5) afirma que a escola atribui-se *missões sociais*, entendo que ela se envolve com os problemas sociais em que está inserida, como, por exemplo, a violência que adentra os muros da escola (guerras entre policiais e traficantes ou entre facções rivais), alunos e pais envolvidos no tráfico, crianças e jovens que chegam à escola com fome, agressões verbais e até mesmo físicas aos professores, adultos e idosos que vão para a escola após os seus trabalhos exaustivos na esperança de melhorar suas vidas por meio da educação pública. A escola acaba acolhendo todos esses problemas e outros não mencionados. Volto-me então a questionar: cabe à escola resolver essa multiplicidade de problemas? Moreira leva-me a refletir ao expressar:

Como lidar com eles, como incluí-los? Como lidar com alunos tão distantes da visão idealizada de estudante que a escola sempre cultuou? Como lidar com alunos portadores de necessidades especiais, com problemas na justiça, com um pé na criminalidade, com dificuldades de aprendizagem, com condutas inesperadas e violentas? Como lidar com alunos pobres, negros, favelados, migrantes, homossexuais, membros de famílias *desajustadas* (MOREIRA, 2005, p. 31).

A escola é a instituição na qual se encontra uma ampla diversidade cultural; certamente muitos educadores e profissionais que atuam no interior dela devem ter dúvidas quanto ao melhor modo de lidar com os diversos conflitos pertinentes às diferenças. A partir da citação acima, considero que durante a formação docente, estuda-se sobre a educação e os principais problemas cognitivos que uma criança pode apresentar no seu processo de aprendizagem e como *tentar resolvê-los* pedagogicamente, mas não há técnicas nem receitas para lidar com os conflitos derivados da diversidade cultural existente na escola. Revela-se, então, um desafio para o educador: como alcançar o entendimento e o conhecimento na escola multicultural? Creio que uma das funções sociais da escola é pensar em melhorias nos processos de ensino-aprendizagem de todos os sujeitos envolvidos, buscando elevar a autoestima por meio de resultados positivos.

A senhora de 70 anos entrevistada, servente em uma escola pública na cidade do Rio de Janeiro, declara que a escola tem a função de *formar cidadãos*. Para, Nóvoa (2009, p. 14), *a escola tem seu lugar, mas que não é um lugar hegemônico, único na educação das crianças e dos jovens, é romper com a tradição de ir atribuindo à escola todas as missões*. Concordo com a senhora servente que a escola forma cidadãos, porém também concordo com o autor quando afirma que a escola não pode ser responsável pela vida social plena do sujeito. O protagonista da formação da cidadania do indivíduo deveria ser a família, mas ela acredita que a escola tem a exclusiva responsabilidade de educar seu filho. Compreendo que desde criança haveria a necessidade da família apresentar a ela regras básicas de convivência coletiva e à escola caberia, além da função pedagógica de estímulo ao processo de ensino-aprendizagem, *formar cidadãos* conscientes da sociedade em que vivem, com direitos e deveres, com a possibilidade de transformar suas realidades.

Nas entrevistas realizadas, um fato que me chamou a atenção e que acredito ser relevante para a discussão, é como ainda se atribui à escola o papel de *consertar* ou *alinhar* as pessoas, conforme é possível observar nas respostas destacadas:

Ao meu ver, a escola é uma formadora de opinião para o aluno. É uma das principais e mais fortes direcionadoras do comportamento e linha de pensamento de seus frequentadores, sejam eles alunos ou funcionários do local (P, 33 anos, fisioterapeuta).

Acredito que o papel social da escola não é apenas ensinar as matérias para as crianças. Ela também influencia na vida pessoal, na

formação do caráter, valores e princípios morais, ajudando na transformação de pessoas capazes de gerar sua própria opinião com consciência e responsabilidade no futuro de nosso país. Também contribui ao formarmos cidadãos mais preocupados com o próximo e o local aonde vivemos, para um melhor convívio em nossa sociedade (M, 24 anos, assistente administrativo).

Para mim, a função social da escola é formar sujeitos críticos que sejam capazes de questionar e solucionar situações. Que saibam dizer sim ou não quando necessário, entender o que está sendo dito e sabendo questionar (NR, 25 anos, pedagoga).

A partir desses depoimentos, percebe-se nos discursos de sujeitos da sociedade que a escola é como se fosse a *salvadora da pátria*. Para os entrevistados, uma *boa educação escolar* seria suficiente para sentirem-se preparados para ocupar um lugar no mundo, para serem melhores sujeitos. Freire (2011, p. 41) declara que *a educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos. Caso contrário, estaríamos domesticando-os, o que significa a negação da educação.*

De acordo com Freire (idem) e com base no recorte das minhas experiências como profissional em formação na escola pública, a visão dos alunos sobre a escola era concebida como um espaço sem sentido, as crianças chamavam a escola de *chata*, era latente a ansiedade por ouvir o sinal da hora do recreio, e o horário da saída era o momento mais esperado.

O ensino e a aprendizagem para os alunos da escola pública em que estagiei eram aparentemente destituídos de sentido, apenas a amizade que tinham uns com os outros e os momentos das brincadeiras eram valorizados. Os professores agiam de forma como se a escola fosse a extensão da casa dos alunos, chamavam-lhes permanentemente a atenção, estabelecendo punições por meio de castigos, como, por exemplo, não brincar na hora do recreio.

A conduta dos educadores e dos demais profissionais que compõem a comunidade escolar não seria também uma forma de negação da educação para essas crianças e jovens? As crianças possuem uma pré-disposição para ensinar e aprender por intermédio das interações. Por que não estimulá-las?

Segundo Zaccur (p.1), o grande desafio é entender como é que *as crianças conseguem aprender tanto antes de entrar na escola regular e como sua curiosidade e criatividade, sua imaginação e criticidade podem se desacelerar quando submetidas ao controle que vigora*

hegemonicamente na escola. Na Educação Infantil, as brincadeiras, ou seja, o elemento lúdico está muito presentes na educação escolar das crianças, abrem-lhes possibilidades de criarem, recriarem, experimentarem, explorarem o novo. Ao ingressar no Ensino Fundamental regular, as brincadeiras reduzem-se ao ensino com conteúdos formais sistematizados. Quando não há estímulos, nem compreensão, somente a imposição de regras de comportamentos, é crescente o desinteresse e a desmotivação pela escola. Elas passam, então, a comportar-se de acordo com o esperado para evitar conflitos, a internalizar os conteúdos escolares sem maiores questionamentos.

Entre as entrevistas sucedidas, deparei-me com pessoas que atribuem à escola a responsabilidade de formar os alunos para o mercado de trabalho: *a função social da escola é bem complexa e abrangente. Porém, num megarresumo, acho que é ensinar e preparar o aluno para o exercício profissional* (P, 34 anos, consultora de vendas).

Freire apresenta uma reflexão apropriada para interpretar o referido depoimento:

Os momentos que vivemos ou são instantes de um processo anteriormente iniciado ou inauguram um novo processo de qualquer forma referido a algo passado. Daí que eu tenha falado antes do *parentesco* entre os tempos vividos que nem sempre percebemos, deixando assim de desvelar a razão de ser fundamental do modo como nos experimentamos em cada momento (FREIRE, 1992, p.14).

A partir da fala de Freire, considero relevante pensar sobre a função da escola em relação a contribuir para a formação de profissionais, como, por exemplo, no caso das escolas técnicas. Baseando-me nessa questão, ponho-me a pensar nos alunos que ingressam na escola com uma profissão já definida. Refiro-me a crianças e jovens que engraxam sapatos nas ruas ou que na zona rural trabalham nas lavouras. Essas situações apontam a constatação de que a atribuição de profissionalizar os sujeitos não é única da escola. Pode-se, pois, afirmar que ninguém entra na escola sem saber nada. Crianças, jovens e adultos têm histórias, momentos vivenciados e potencialmente ricos para serem compartilhados.

O debate sobre a real função social da escola na sociedade contemporânea é muito complexo, articula-se a inúmeros conceitos. A respeito das falas apresentadas e com os fundamentos do estudo, evidencia-se que a escola não pode ser somente técnica quanto à formação do indivíduo cidadão e profissional. Sobre a quantidade de conhecimentos adquiridos durante a escolarização do sujeito, Nóvoa afirma que:

Não se constrói por acúmulo (de cursos, de conhecimentos e técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal, por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, p.13).

Defendo a escola pública como um espaço democrático e de direito a todos os cidadãos. Entretanto, das entrevistas realizadas e de minhas vivências escolares e acadêmicas acumuladas, percebo a escola hoje como uma instituição com diversos problemas, que destaco a seguir:

- Espaço sem organização;
- presença de professores sem esperança, desacreditados da profissão e dos alunos;
- violência penetrando os muros da escola (tiroteios, *bullying*, agressões entre alunos e professores);
- deficiências na aprendizagem dos conteúdos (crianças aprovadas sem conhecimentos básicos de leitura e escrita);
- alunos acomodados (vendo a realidade a partir da percepção do outro, reproduzindo-a);
- pouca interação/ envolvimento dos alunos com a escola (dizem que não gostam dela); escola sem significados, nem atrativos para os alunos, também vista como passatempo para pais e alunos.

Nóvoa aponta para a principal crítica referente à escola na sociedade atual:

A crítica principal que hoje se dirige à escola diz respeito à sua incapacidade para promover as aprendizagens, respondendo assim aos desafios da sociedade do conhecimento. Há quem vá ainda mais longe e defina a seguinte prioridade para a escola atual: *fazer com que todos os alunos tenham verdadeiramente sucesso* (NÓVOA, 2009, p.5).

Concordo com o autor que o papel fundamental da escola é o ensino e a aprendizagem. A educação é o ensinar, o aprender e o transformar.

Como dito anteriormente, não há receitas ou técnicas para ensinar e para aprender, pois *a educação tem caráter permanente. Não há educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos* (FREIRE, 2011, p. 35). Na escola, o aluno não pode ser o objeto da educação; deve, sim, *ser o sujeito de sua própria educação* (idem, p. 34).

Considero a escola um elemento indispensável para a mudança da sociedade. A seguir, a título de reflexões para a finalização deste capítulo, apresento fatores que, acredito, poderão contribuir para o progresso e a transformação da escola pública:

- acesso de qualidade aos saberes escolares e científicos para os alunos;
- valorização do trabalho do professor e respeito a sua profissão;
- respeito às aptidões e experiências dos educandos;
- valorização e respeito ao multiculturalismo e à diversidade;
- a escola aberta a novos horizontes e novas realidades, a repensar suas práticas educativas;
- combate à desigualdade social;
- a ética como princípio;
- respeito, amizade e solidariedade como valores que norteiam as relações humanas.

A Educação é um direito social e um dever do Estado. A escola vive sob a influência das normas do Estado. Infelizmente, ainda vemos diversas instituições escolares do país que se limitam à permanência do estilo tradicional de ensino, mantenedor da ordem e da disciplina.

Segundo Freire (2011, p. 37), *uma educação sem esperança não é educação. Quem não tem esperança na educação dos camponeses deverá procurar trabalho noutra lugar*. O que falta é o trabalho mais coletivo nas escolas, é o reconhecimento das atividades exercidas e o valor profissional dos professores. A escola é uma sociedade e não uma comunidade. De acordo com Nóvoa (2009, p. 11), *a escola tem que dar a esses jovens mais sociedades, mais regras de vida em comum, mais regras do diálogo, de vida em sociedade*.

Todos os cidadãos têm direito a um ensino de boa qualidade, com instituições que prezem pelo conhecimento científico, incentivando o aluno adulto a ser um pesquisador; a

escola precisa ser um espaço crítico, no qual seus frequentadores também possam desenvolver a criticidade, não aceitar a primeira resposta e, sim, refletir sobre ela. Cada ser humano precisa (re) pensar sobre si mesmo e seu lugar no mundo. Por meio do processo educativo, é fundamental estimular o raciocínio dos alunos. Na escola deve-se ensinar a pensar sobre diferentes problemas e situações; a escola pode ser um auxílio no crescimento intelectual e na formação de cidadãos capazes de gerar transformações positivas na sociedade, não apenas indivíduos com registro e, ao mesmo tempo, invisíveis na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivem-se tempos difíceis em nossa sociedade. A intolerância entre as pessoas e suas culturas está muito latente. Cada indivíduo olha-se a si próprio, sem se preocupar com o próximo. Com fones de ouvido, circula-se pela cidade sem observar ao redor. Na sociedade atual falta afetividade, esperança e sensibilidade entre os sujeitos.

A motivação do presente trabalho teve início durante a experiência do estágio que vivenciei na escola pública, que desencadeou sentimentos de tristeza, indignação e compaixão ao ver crianças sendo *maltratadas* por adultos que não eram seus pais e no espaço (a escola) que eu considero ser o melhor para o desenvolvimento físico, mental e cognitivo das crianças. A sociedade pode ser *cruel* com os adultos; eu imaginava, naquele momento de observação na escola, como a conduta do professor em sala de aula interferiria na formação dos sentimentos dos pequenos alunos, como aquelas crianças em formação se sentiriam sendo reprimidas e marginalizadas pelo próprio professor, que deveria ser, entretanto, uma referência para elas.

Pensar na infância e nas brincadeiras entre as crianças foi como uma volta ao passado. Descrevi um pouco da minha infância e de como o meu mundo social era restrito ao meu lugar de nascimento e às vivências que se sucediam. Não deixo de refletir sobre a infância plural existente na sociedade contemporânea, sobre o fato de existirem crianças assumindo responsabilidades que não fazem parte do seu mundo infantil, que podem vir a prejudicar seu desenvolvimento físico, emocional e intelectual. As crianças são puras, deveriam viver sem medos, é um direito delas. Por meio das brincadeiras, da linguagem, da criatividade e da imaginação, as crianças vivenciam, experimentam, compartilham, combinam e organizam-se entre si.

Na tentativa de compreender a conduta do professor da escola onde estagiei, não poderia deixar de abordar e de refletir sobre a profissão docente na sociedade atual, bem como sobre a minha formação acadêmica e a educação popular. Percebo que cabe ao professor ser profissional, solidário, parceiro com seus alunos. A função da escola e dos professores, infelizmente, permanece ainda com o foco excessivo no ensino e na aprendizagem. É importante recordar que os sujeitos que frequentam a escola pública em algumas vezes precisam muito mais do que dos conteúdos escolares, eles precisam ser ouvidos.

Procurei desenvolver um trabalho teórico-reflexivo articulado com depoimentos de sujeitos da sociedade. A discussão sobre a função social da escola é muito complexa, motivo pelo qual optei por refletir primeiramente sobre os conceitos de identidade e de infância com relação às brincadeiras. Considero a construção de identidade muito presente na escola, visto que a interação com a diversidade cultural acontece a todo momento entre os alunos infantis, os jovens e os adultos. A identidade é descoberta pelos indivíduos, eles passam por processos de escolhas em suas vidas e têm o direito de se autodeclarar como queiram. Atualmente, com as redes sociais, um aspecto positivo é a geração de rodas de conversas, debates e ações sobre a diversidade cultural.

Chego, por fim, à função social da escola, perpassando por todas as esferas citadas anteriormente (identidade, infância, brincadeiras, profissão docente e educação popular). Acredito que é necessário (re) pensar a escola pública de qualidade, com boa infraestrutura e bons materiais pedagógicos; uma escola que não *vire as costas* para o aluno indisciplinado, o negro, o deficiente físico, negando-lhes a educação, ao contrário, que o acolha e o convide a nela manter-se. Os sujeitos são diferentes entre si e vivem na mesma sociedade, participando cotidianamente de sua construção.

O Estado tem a obrigação de oferecer um sistema público de ensino de qualidade a todos os indivíduos, independentemente da posição social que ocupam. Os cidadãos têm direitos e deveres, e precisam ser sujeitos de suas próprias histórias. A escola tem o papel socializador e os educadores têm a responsabilidade de conscientizar seus alunos que podem pessoas melhores e mais felizes.

A luta pelo bom ensino não se pode esgotar. Por que não construir o espaço escolar prazeroso e com significado para a vida dos alunos? Os educandos e professores precisam se tornar indivíduos visíveis, atuantes e protagonistas nas políticas educacionais. É preciso ter esperança na educação e a escola pode ser o início para a transformação.

Acrescento no presente trabalho alguns fatores que considero que podem contribuir para o progresso positivo da escola pública. Acredito que o espaço desta monografia seja limitado para maiores aprofundamentos sobre o tema. Há certamente outros aspectos que poderiam ter sido discutidos.

O objetivo da monografia era o de desenvolver um trabalho teórico- reflexivo que pudesse discutir a função ou as funções sociais da escola na sociedade contemporânea e

contar com depoimentos de profissionais da educação e sujeitos da sociedade sobre o tema proposto.

Para a minha formação profissional, o trabalho realizado veio agregar na construção do me fazer docente, de (re) pensar as práticas educativas e, principalmente, motivou-me a valorizar e respeitar os meus futuros alunos, com suas especificidades cognitivas e sociais. As leituras realizadas enriqueceram meu trabalho e minha profissão docente, explicitando-me a função de educar no sentido de empenhar-se de modo consciente na transformação do indivíduo e de sua realidade de vida.

Deve-se dizer *não* à reprodução da desigualdade social e *sim* à sociedade plural, respeitando-se as diferenças, a igualdade de oportunidades para todos os indivíduos, a valorização do trabalho do professor e o respeito a sua profissão.

Na realidade, a escola pública está distante de atingir o que a população almeja: *o ensino de qualidade para todos, o sucesso para os educandos na escola, a formação para o exercício consciente da cidadania e a capacidade da autorrealização e do exercício da solidariedade.*

Os educadores precisam estimular os alunos dentro da escola e os sujeitos da sociedade precisam estimular-se uns aos outros, pois a educação e a mudança também dependem de todos nós.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Maria Helena Moreira & EVANSON Philip, **Vivendo no fogo cruzado**, moradores de favela, traficantes de droga e violência policial no Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ARIÈS, Philippe, **História Social da Criança e da Família**. Tradução D. Flaksman. Rio de Janeiro. LCT 1978.

ARROYO, Miguel G. **Educação Popular, Saúde, Equidade e Justiça social**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n79/09.pdf>>. 2009. Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

BENJAMIN, Walter, **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**; tradução, Marcus Vinicius Mazzani. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BAUMAN, Zygmunt, **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BORBA, Angela. **A brincadeira como experiência de cultura**. IN: CORSINO Patrícia (org). Educação Infantil: cotidiano e políticas. São Paulo: Editores Associados, 2009.

BOURDIEU, Pierre, **Escritos de Educação**, Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs). Petrópolis, Rj. Ed. Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre, **Sobre a Televisão** – Tradução Maria Lúcia Machado – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1997.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acessado em 14 de março de 2017.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de 13 de Julho de 1990. Art.60. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acessado em 10 de fevereiro de 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação, ENEM apresentação.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>>. Acessado em 10 de abril de 2017.

CANDAU, Vera. **Diferenças culturais, Cotidiano escolar e Práticas Pedagógicas.** Pág. 241. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf>>. 2011. Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

CORSINO Patrícia. **A brincadeira com as palavras e as palavras como brincadeiras.** IN: CORSINO Patrícia (org). *Educação Infantil: cotidiano e políticas.* São Paulo: Editores Associados, 2009.

CORSINO, Patrícia, **Infância, linguagem e letramento: Educação infantil na rede municipal de ensino do rio de janeiro / Patrícia Corsino.** – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2003.

COSTA, Márcio. **Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal.** *Revista Brasileira de Educação.* Rio de Janeiro, volume 13, nº 39, set/dez, 2008.

Dicionário da Língua Portuguesa. Ed Nova Cultural Ltda. São Paulo. 1992.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco. BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho. FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e Docência aprendendo a profissão.** Brasília, Ed. Líber Livro, 2011.

FREIRE, Paulo, **Educação e Mudança.** São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia.** *Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo, Ed Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Esperança.** *Um reencontro com a Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro, Ed Paz e Terra, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio, CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil & ALENTEJANO, Paulo (Orgs). **Dicionário da Educação do Campo.** Ed. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fiocruz. Rio de Janeiro. 2012.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação social, Educação Comunitária – Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**, p. 5. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf>>. Acessado em 17 de fevereiro 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, Rio de Janeiro, Ed. Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: Tomaz Tadeu da Silva (org.), **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** – Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa & CARVALHO, Marlene. **Construção de identidades no currículo de uma escola de Ensino Fundamental**. In: MOREIRA, A.F & PACHECO, J.A. (orgs.). *Globalização e educação: desafios para políticas e práticas*. Porto Ed. 2006.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Desafios contemporâneos no campo da educação: a questão das identidades**. In: MOREIRA, A.F & PACHECO, J.A. (orgs.). *Globalização e educação: desafios para políticas e práticas*. Porto Ed. 2006.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **O estranho em nossas escolas: desafios para o que se ensina e o que se aprende**. GARCIA, Regina Leite; ZACCUR, Edwiges; GIAMBIAGI, Irene (orgs.). *Cotidiano diálogos sobre dialógos*. Rio de Janeiro, JDP & A Ed. 2005.

NÓVOA, Antonio. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Pág. 12. Disponível em : <<https://pt.scribd.com/document/2943879/Desafios-do-trabalho-do-professor-Antonio-Novoa>> (2009). Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

NÓVOA, Antonio. **Educação 2021. Para uma história de futuro**. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/670/1/21232_1681-5653_181-99.pdf>. 2009. Acessado em 6 de março de 2017.

NÓVOA, Antonio. **Formação dos professores e profissão docente**. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>>. Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

NÓVOA, Antonio. **O regresso dos professores**. Pág. 9 Disponível em: <<https://escoladosargacal.files.wordpress.com/2009/05/regressodosprofessoresantonionovoa.pdf>> (2007). Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

PALUDO, Conceição. **Dicionário da Educação do Campo**. FRIGOTTO, Gaudêncio, CALDART, Roseli Salete, PEREIRA, Isabel Brasil & ALENTEJANO, Paulo (Orgs). Ed. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/ Fiocruz. Rio de Janeiro. 2012.

PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções**. Poíesis Pedagógica, 2010 - revistas.ufg.br. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/poesis/article/view/10542/7012>>. Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

SARMENTO, Manuel, GOUVEA, **Sociologia da Infância: Correntes e Com fluências**. In: SARMENTO, Manuel & GOUVEA, Maria Cristina Soares de (orgs.), *Estudos da Infância: Educação e Práticas Sociais*. Petrópolis, RJ, Ed Vozes, 2009. Coleção Ciências Sociais da Educação.

SAVIANI, Dermeval. **Existe Sistema Educacional no Brasil?** In: SAVIANI, Dermeval, *Educação Brasileira – Estrutura e Sistema*. São Paulo. Ed Autores Associados LTDA. 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

SITE: globo.com/ notícias- economia, disponível: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/11/em-2014-havia-554-mil-criancas-de-5-13-anos-trabalhando-aponta-ibge.html>>. Acessado em: 10 fev.2017.

SITE: **Educar para crescer**. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/educacao-brasil-colonia-475875.shtml>> Acessado em 20 de novembro de 2015.

SITE: **Jornal O Globo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bebes-passam-ter-cpf-impreso-na-certidao-de-nascimento-18193733>> Acessado em 4 de agosto de 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

UNICEF. **Situação mundial da Infância 2005**. Disponível em:<<https://www.unicef.org/brazil/pt/smi2005.pdf>>. 2005. Acessado em 9 de março de 2017.

ZACCUR, Edwiges. **Buscando compreender modos de aprender para melhor ensinar.**
Disponível em: <<http://www.edwigeszaccur.com.br/trajetoria/artigos/artigo4.pdf>>.
Acessado em 6 de março de 2017.